ANO 18.º QUINTA-FEIRA, 6 DE ABRIL DE 1939 N.º 5880

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

A CONSCIENCIA

Com a devida vénia, recortamos de «Gringoire» o seguinte que é preludio dum artigo de André Tardieu:

—Os acontecimentos da Europa central impõem três exames de consciencia: um deve versar sobre o presente, o segundo sobre o passado e o terceiro sobre o futuro.

Estamos mais que convencidos que estes três exames de consciencia ninguem os fará, porque para isso seria absolutamente necessario que, nos jovens e nos estadistas amolecidos, houvesse o proposito bem firme de romper com as delicias de Cápua. Da ultima guerra o mundo extraiu principalmente o gosto pelo prazer...

Os mortos quedaram nos cemiterios e os vivos, áparte casos que se apontam a dedo, entregavam-se á musica dos sentidos.

Os alemães decidiram interromper o delicioso festim. Dispunham dum capital precioso que se chama vontade. Têm feito dele o uso que se sabe.

Enquanto os filhos dos bravos que se bateram com orgulho e gloria nos varios «fronts» interpretarem a vida como um espectaculo de «dancing» e de taças floridas de beijos, a consciencia, a que André Tardieu presta calorosa homenagem, ir-se-á derretendo como um torrão de açucar, num liquido efervescente?

Não cremos, porque os povos do ocidente começam a compreender que não é por taças de veneno que a vida se saboreia, mas sim pelo culto das ideias que impõem os grandes sacrificios.

DA VELOCIDADE

O rei do Iraque morreu num desastre de automovel que corria a 120 quilometros á hora. E' mais uma vitima da velocidade. Queria andar depressa, fugazmente, a-fim de não se sentir preso ás cousas nem á prudencia humana.

A corôa do Iraque, sempre oscilante, aconselhava-lhe que moderasse as suas impaciencias, comportando-se com a sabedoria dum ulema que decifra lentamente um texto sagrado. Ele, porém, crente na mecanica e nos seus inventos, preferiu cortar o deserto como um relampago.

Conclusão: o rei do Iraque, fiado no poderoso motor do seu carro modernissimo, derrapou numa volta e a sua morte resultou dum excesso de confiança na maquina que vence o tempo, sem anular o espaço,—zombeteiro e ás vezes traiçoeiro.

PASSADO E FUTURO

A Camara Municipal de Tomar cedeu gratuitamente ao Estado o terreno necessario para se construir um edificio proprio á instalação dos serviços dos Correios, Telegrafos e Telefones.

Como se trata de obra util e necessaria, somente desejamos que não lhe falte o indispensavel cunho artistico, visto que Tomar é uma linda cidade, gloria monumental do nosso passado.

Pela Vida

Alguns escribas e farizeus a quem Jesus intrigava e perturbava disseram-lhe:

— «Mestre, nós quiseramos ver-te fazer algum prodigio».

Qual era a sua intenção?

Medir a sua ciencia escolastica e intolerante com a sabedoria e o milagre que a critica e a má fé desfiguravam. Eles percebiam que havia um «caso novo» produzido fora da sua compreensão e até da sua consciencia. As verdades simples, ensinadas de coração a coração, não os satisfaziam, porque se consideravam como depositarios duma doutrina veneranda, encanecida, em que palpitava ainda a respiração dos patriarcas e a eloquencia dos profetas.

— Dá-nos um prodigio que abale a terra nos seus fundamentos e nos persuada de que tu não és um vulgar impostor.

A confiança na dialetica subtil da escola e da sinagoga transparecia no seu olhar ironico, duma maldade que vestia de cinza penitente o seu imenso orgulho.

Desejavam realmente acreditar na missão e na obra de Jesus?

O seu proposito era outro — sorrir da inocencia do que se deixava ludibriar por varões tão suspeitosos como sabios. Nem o proprio sol os deslumbrava com a sua luz. Desde que a palavra divina acusava uma origem que os seus olhos meditativos não descortinavam, eles julgavam-na cegamente, sem a ouvir.

Jesus que lia neles como em livro aberto não tomou em conta o seu rôgo e por isso passou-lhes por cima, cavando na escuridão em que se debatiam a via lactea salvadora.

Obcecados pelo falso saber que os envaidecia, esqueceram-se de que a vida, como a agua mais pura, se corrompe, quando não é renovada.

Decorridos tantos seculos, ainda os escribas e farizeus, fechados como tumulos talhados na rocha dura, estranhos á queda dos baluartes da treva, demandam com gelida curiosidade:

— Mestre, rasga o peito para qus nós vejamos os segredos da tua alma!

Tal suplica não é de atender, pois a má fé resiste a todas as provas, comprazendo-se principalmente em negar, como o avarento em guardar. A duvida alimenta-se da sua fome crescente como o deserto cresce com a sua copiosa desolação. Quantos ainda hoje, com as mãos vasias e os labios sêcos, não se embalam com sombras vãs, impalpaveis, dedicando, quasi piedosamente, a Jesus a simpatia que Renan chamava «a flor do sonho que brota dos pensamentos mais belos da humanidade».

Não foi com fluidicos lampejos dum môrno ou gelado idealismo que o cristianismo nasceu, progrediu e traçou no espirito os pontos cardiais da sua conquista. Realidade mais real que a sua ninguem a conhece.

Como achar, á face da terra, uma pedra a que ele não imprima a lei e a forma da sua arquitectura?

Jesus continua a subir e a descer da Cruz, porque os povos não insaciaveis da sua presença — ou para o flagelarem ou para o aclamarem. Recentemente, um pesado livro, de sapiencia vasta e indigesta, gastou oitocentas paginas para demonstrar que Jesus não existiu, a não ser como expressão morbida duma crise longa que prostrou o mundo antigo. A-pesar-de tamanho esfôrço, quando se chega ao fim da embaraçosa leitura, Jesus reaparece redivivo, liberto de cadeias, certo de que não será a erudição nem a historia nem a exegese racionalista que alcançarão o prodigio que ele recusou aos escribas e fariseus.

Emquanto a razão fôr, não a escrava das suas revoltas, mas a liberdade de indagar para saber e de saber para construir, segundo principios que não falham, o Evangelho dissipará as contradições, contanto que os homens o não estudem, roubando-lhe os lineamentos inconfundiveis que o fazem uno e imperecivel.

— Mestre, dá-me um prodigio que me confunda!

Não é a Jesus que compete revelar no sarcasmo o impudor que se rebuça, antes o sarcasta deve operar em si o prodigio requerido pela sua cinica irreverencia, incapaz de compreender que a perfeição vem de cima, mas para alimpar o animo que se agarra á podridão.

AO SERVIÇO DA PATRIA

Chega-nos do Rio de Janeiro o balanço da actividade benemerente e cultural da Casa do Minho, durante o ultimo ano, que foi intensa e eficaz.

Durante 1938 a Casa do Minho subvencionou 46 repatriações e obteve o uaxilio do consulado para 31, auxiliou a legalização da situação irregular de uma centena de portugueses, distribuiu 226 donativos, pagou duas pensões permanentes; e teve na escola «Dr. Nuno Simões» uma matricula de 176 alunos.

A Assistencia forense prestou aos socios 70 serviços. A assistencia medica prestou-lhes 6.930 serviços, não incluindo os serviços laboratoriais e bacteriologicos que foram 189.

Como se vê a prestigiosa instituição prossegue no seu admiravel esforço de beneficencia e de cultura que todos os portugueses e brasileiros do Rio conhecem e apreciam.

O DESTINO

Os pescadores da Nazaré ha duas semanas que puxaram os seus barcos para terra, visto o mar, possuido dum furor louco, não consentir que o desrespeitem. Os nazarenos descem á praia e contemplam a vastidão liquida encapelada, mudos de tristeza e de fadiga inerte.

Como verdadeira gente do mar, sentem que a fome lhes ronda os lares, mas não confessam a sua dôr. Deitados ou encostados aos barcos, dum colorido ingenuo e milagreiro, fazem do seu infortunio um motivo de fé.

Mesmo depois dos naufragios, o seu unico pensamento é este—lutar pelo pão que a morte lhes disputa.

UM RETRATO

O sr. conde da Vidigueira—descendente do descobridor do Caminho Maritimo para a India—entrega-se com paixão a trabalhos artisticos em couro a que já em tempos consagrámos palavras de merecido elogio.

E'dele a formosa capa do «D. Carlos» de Rocha Martins.

Admirador fervoroso de Salazar, fez-lhe agora o retrato com tal rigor expressivo e tamanha nitidez de traço que não podemos deixar de dizer:

—Muitissimo bem!

UM LIVRO

Tito Martins, jornalista e escritor brilhante, publicou agora mais um interessante romance—«Hipolito do O'»—numa apreciada edição de «O Seculo». Trata-se dum trabalho original, focando diversos casos curiosos de vida lisboeta, com dialogação primorosa e vibrante.

UM HERDEIRO

Enquanto se diz que a Albania pode, dum momento para o outro, perder a sua independencia, o rei Zogu anuncia que lhe nasceu um filho. Fazemos os mais sinceros votos, para que o herdeiro nunca tenha de estudar a historia do seu país, por livros estrangeiros.

O «DIARIO DE LISBOA» DE HOJE É DE 16 PAGINAS INCLUINDO O SUPLEMENTO LITERARIO

A reeleição de Lebrun

Satisfação em Londres

LONDRES, 6—Os círculos políticos receberam com grande satisfação a notícia da reeleição de Albert Lebrun e os círculos oficiais exprimem, a este respeito, abertamente o seu agrado. Os jornais ingleses põem, unanimemente, em foco as qualidades do presidente reeleito.—(Havas).

A opinião italiana

ROMA, 6—A proposito da reeleição de Lebrun Stefani diz que ela foi plebiscitaria e triunfal, como Lebrun o teria desejado. Isto dá o tom dos comentarios que não procuram no acontecimento senão um novo argumento para a campanha de difamação da França.—(Havas).

A cerimonia de hoje no Elyseu

PARIS, 6—A cerimonia da entrega a Lebrun da acta autentica que o nomeia presidente da Republica por mais 7 anos realizou-se ás 11 horas na sala de festas do Elyseu. A cerimonia revestiu-se de grande solenidade. Assistiram Jeanneney, presidente do Senado, acompanhado pelos 4 vice-presidentes, Herriot, presidente da Camara dos Deputados, cercado por muitos deputados, Daladier, presidente do conselho e todos os ministros, representantes da Imprensa parlamentar e muitas personalidades.—(Havas).

A CAMARA CORPORATIVA

vai estudar o problema da Marinha Grande

O *Diario das Sessões* da Assembleia Nacional publicou hoje o seguinte aviso:

«Tendo o Governo resolvido, nos termos do artigo 105.º da Constituição, consultar sôbre uma proposta de lei relativa á navegação para as colonias as secções desta Camara, Transportes e Turismo, Politica e Administração Geral, Politica e economia coloniais e Finanças e economia geral:

São por este meio convocados os dignos procuradores que fazem parte das referidas secções a reunir-se no palacio de S. Bento, a-fim-de iniciar os respectivos trabalhos, na proxima segunda-feira, 10 de abril, ás 15 horas. Nos termos do artigo 5.º do decreto n.º 27.221, de 21 de novembro de 1936, são agregados á secção de Transportes e turismo os dignos procuradores Alfredo da Silva e Joaquim Roque da Fonseca, e á secção de Politica e economia coloniais o digno procurador Antonio Vicente Ferreira.»

Choque de veículos

Hoje, quando seguiam num automovel, em serviço de fiscalização, os funcionarios da Inspecção Geral da Industria e Comercio Agricolas srs. engenheiro-agronomo Julio Lameira Bueri, de 58 anos, residente na rua Maria Pia, 508, 1.º; Carlos Fernandes Marques, de 41 anos, regente agricola, morador na rua Almirante Barroso, 58, 3.º, esquerdo, e João Ferreira Faria, fiscal, ficaram feridos os dois primeiros passageiros, devido a uma camioneta que conduzia suinos, a qual seguia em sentido contrario e fora da mão, ter embatido com o veículo, no sitio de Véra, perto de Lousa.

O sr. engenheiro Bueri ficou internado na sala de observações do hospital de S. José.

AERONAUTICA

A viagem de «Yankee Clipper»

SOUTHAMPTON, 6. — O «Yankee Clipper», que levantou vôo para a Irlanda, teve de regressar passados três quartos de hora de vôo, devido ás más condições atmosfericas. Da Irlanda atravessará, segundo se supõe, o Atlantico Norte, num vôo sem escala, para a America.—(United Press).

A CAMISA USADA PELOS ELEGANTES

RETIRO DA SEVERA Telefone 2 9638
Fados e Guitarradas
ENTRADA 2$00 CONSUMO 2$50
Amanhã 6.ª feira, atendendo á solenidade do dia não ha espectaculo.

CAFE' MONDEGO — Tel. 25676
Hoje: **Alcidia Rodrigues, Domingos Silva** e **Fernando Egrejas.** Sabado, a grande revelação **Deolinda de Souza.**

Opiniões da Imprensa

Sobre a situação internacional

O «Excelsior» diz:

«Perante a recusa da Polonia de concluir um acôrdo com a Russia, trata-se da Inglaterra e a Russia concluirem um acôrdo de assistencia mutua. Desta forma a Alemanha ficaria sabendo que, em caso de conflito, teria de combater as duas frentes».

O «Times» escreve:

«Pode afirmar-se que a Polonia não está disposta a entregar nem uma parcela dos seus interesses vitais. A Grã-Bretanha dará auxilio economico á Polonia para ela comprar materias primas e organizar as suas industrias.

A resposta alemã ás conversações de Londres veio ontem á noite, sob a forma do anuncio de conversações entre os estados maiores alemão e italiano. Já se esperava isso; não vem adiantar muito ao que já se sabia acêrca das relações entre as potencias do eixo, o que de resto não invalida o significado dessa resposta, vinda imediatamente depois das principais conversações anglo-polacas.

«O trabalho principal nas conversações anglo-polacas acabou. Sobre todos os problemas importantes ha entendimento. O governo polaco declarou que está resolvido a empregar todas as suas forças em auxilio da Grã-Bretanha se esta fôr atacada exactamente como a Grã-Bretanha o fará se a Polonia tiver que fazer frente a uma ameaça contra a sua independencia.

Beck tambem declarou que era intenção do seu governo conservar relações normais, mesmo amigaveis, com os seus dois grandes vizinhos: a Alemanha e a U. R. S. S. Aos polacos não restam duvidas quanto á determinação inglesa de resistir a quaisquer novos ataques contra estados independentes. Os polacos repetiram tambem que honrariam as suas obrigações com a França no caso de esta ser atacada.

Beck explicou a relutancia do seu governo em entrar num acôrdo mais apertado com a Russia sovietica, porque não deseja hostilizar a Alemanha e porque não está de acôrdo em ver tropas com a estrela vermelha na Polonia. Parece que Beck teria sugerido que nada tinha que dizer quanto á iniciativa de contactos mais estreitos e eventuais entre a Grã-Bretanha e a Russia».

O «News Chronicle» informa:

«Não haverá tratado anglo-polaco. A Polonia contentar-se-á com o texto elaborado na embaixada em Londres, a qual será resumida por Chamberlain na declaração que deve fazer nos Comuns».

A «Tribuna» declara:

«A puerilidade grosseira e mesquinha dos puritanos pode iludir-se apresentando a combinação do governo da Grã-Bretanha como uma sincera organização de paz e não como um novo mecanismo para restabelecer a hegemonia franco-inglesa. A Grã-Bretanha quere estabelecer um protectorado britanico em Varsovia, mas é possivel que as negociações se malogrem».

O «Timpul» (romeno) diz:

«A nova politica externa da Grã-Bretanha baseia-se numa distinção entre a independencia e a integridade dos estados a que forem dadas quaisquer garantias».

O «Universul» (romeno) precisa:

«Para que a oferta feita pela Grã-Bretanha tenha toda a sua eficacia é necessario: que a garantia dada por aquele pais funcione contra qualquer agressão e que a qualificação do agressor seja confiada á vitima».

A «Gazeta Polska» assinala:

«Nas conversações de Roma foram tratados diversos problemas, entre os quais o desenvolvimento das relações economicas entre os dois paises e o da emigração judaica. A Inglaterra mostrou-se muito compreensivel a respeito dele».

Sôbre a Albania

O «New York Herald» afirma:

«De origem bem informada, sabe-se que houve manifestações anti-italianas em Tirana. Ao mesmo tempo forças militares e navais italianas concentraram-se perto de Bari e Brindisi. As manifestações foram provocadas pelo descontentamento dos albaneses por causa do anuncio feito na segunda-feira pela Radio de Bari de que estavam em curso negociações para a revisão da aliança entre os dois paises».

Sôbre a eleição de Lebrun

A «Justice» esclarece:

«Reinstalado no Eliseu pela vontade soberana da Assembleia Nacional, Lebrun encontrará em volta de si a expressão da respeitosa dedicação de todos. A recordação das circunstancias em que decorreu o escrutinio apagar-se-á. Fica a necessidade da União nacional».

O «Jour Echo de Paris» declara:

«Na hora em que Daladier consagra tão rudes e fecundos esforços ao ressurgimento nacional e porque a reeleição de Lebrun, de que foi o iniciador, deve permitir-lhe prosseguir na sua obra salutar até ao fim, saudamos como uma vitoria do bom senso francês a que obteve ontem o presidente da Republica».

O «Petit Parisien» sugere:

«Estabilidade e continuidade são palavras que desapareceram, ha muito tempo da nossa linguagem parlamentar. Voltaram á moda. Todo o país tem que felicitar-se».

DE LUTO

Capitão farmaceutico Julio Augusto da Cruz

Deu entrada na morgue o cadaver do sr. capitão farmaceutico Julio Augusto da Cruz, de 55 anos, natural de Chaves, que esta madrugada foi acometido de doença subita no Rossio.

O extinto prestava actualmente serviço no ministerio da Guerra, e regressara ha pouco de Macau, onde exercera, durante 12 anos, o cargo de director dos Serviços Farmaceuticos. Era pai do dr. Julio Guedes Cruz, aluno da Faculdade de Ciencias.

O sr. capitão Cruz, que era formado em Ciencias pela Real Academia de Partenogen, de Roma, possuia a Cruz de Ouro de Merito Militar, da Italia.

Depois de amanhã realiza-se a autopsia, efectuando-se domingo o funeral, do Hospital Militar da Estrela para o cemiterio dos Prazeres.

Exposição fotografica

do Grupo Desportivo da Imprensa Nacional

O Grupo Desportivo e Recreativo do Pessoal da Imprensa Nacional inaugurou a 2.ª exposição de fotografia de seus socios. O «certame» reune 70 trabalhos, criteriosamente seleccionados por um jûri constituido pelos srs. Cunha Machado, Rodrigues da Fonseca, Gustavo de Almeida Araújo e Silva Nogueira, os quais atribuiram os principais prémios aos expositores Antonio Miguel Mateus, Casimiro dos Santos Vinagre, José Santisso Gonçalves, Jorge Vieira e Francisco Tertuliano Gonçalves.

A exposição é duma flagrante actualidade e revela as qualidades dos concorrentes. Antonio Miguel Mateus é um artista que bem mereceu a classificação que obteve. Os trabalhos do popular «internacional» de «football» Jorge Vieira merecem tambem uma referencia especial.

A exposição encerra-se no dia 15 do corrente.

Gremio dos Industriais de Panificação de Lisboa

O PÃO

Comunica-se que os estabelecimentos de venda de pão estarão encerrados durante todo o Domingo de Páscoa, reabrindo apenas na segunda-feira seguinte, ás 7 horas.

O público deve abastecer-se no Sábado, dia 8, até ás 23 horas.

Lisboa, 6 de Abril de 1939.

A Direcção

A Semana Santa

As cerimonias religiosas de hoje

Nos templos das varias freguesias de Lisboa realizaram-se hoje, com grande concorrencia de fieis, as cerimonias liturgicas de Quinta-Feira Santa.

Em S. Domingos, servindo de Sé Patriarcal, e com a assistencia de centenares de devotos que enchiam o vasto templo por completo, houve missa solene, benção dos Santos Oleos, comunhão geral do clero e dos feis e procissão com o Santissimo Sacramento.

Foi celebrante o sr. arcebispo de Mitilene, acolitado pelos beneficiados José Soares, Gomes de Miranda e João Ferreira.

Dirigiram as cerimonias monsenhor Honorato Monteiro e o beneficiado Filipe Cardoso.

Na cerimonia da benção dos Oleos da Crisma tomaram parte vinte e seis eclesiasticos.

De tarde, tambem perante uma enorme multidão de fieis, efectuou-se a cerimonia do «Lava-pés», que foi precedida de sermão do mandato, pelo rev. conego Martins Pontes.

A's 17 horas, houve Oficios de Trevas. O tradicional «Lava-Pés», acto de transcendente significado, não teve este ano a presença do sr. Cardial Patriarca de Lisboa, que, a-pesar-de estar, felizmente, melhor, ainda não abandonou os seus aposentos, por indicação dos seus medicos assistentes.

Lisboa devota encheu hoje as suas ruas, dificilmente se entrando nos templos, que regorgitavam de fieis.

No Gremio dos Açores

Tudo se prepara para que o baile, que no sabado de Aleluia se realiza na sede do Gremio dos Açores, seja brilhantissimo. E' a primeira festa organizada pela nova direcção. No domingo de Pascoa ha uma «tarde açoreana», que promete ser muito concorrida.

Tauromaquia

No Campo Pequeno inaugura-se no domingo a temporada com os novilheiros Lopez Lago e Martin de Bilbau

Nos Restauradores abriu, hoje, a bilheteira para a corrida de domingo, no Campo Pequeno, na qual serão lidados oito grandes toiros de casta espanhola pertencentes ao sr. Joaquim de Oliveira Fernandes, de Evora.

Com Juan Lopez Lago, alternará o valente novilheiro Martin da Bilbau. A cavalo apresentar-se-ão com os seus novos cavalos de combate os noveis artistas Fernando Salgueiro e D. Vasco Jardim, a «pareja» que tanto sucesso obteve o ano passado, primeira temporada da sua alternativa. Alem dos seis bandarilheiros de espada tomarão ainda parte alguns dos nossos melhores artistas de pe.

Os preços das entradas, apesar dos grandes encargos destes espectaculos, este ano são acessiveis a todas as bolsas—Sombra 18$00; sombra-sol, 13$50, e sol, desde 4$00. Os preços das entradas de balcão são quasi do preço da sombra. Bilhetes especiais para 200 novos aficionados (até 16 anos), a 2$00.

Amadores Fotograficos!

Se desejais obter boas fotos carregai a maquina com **peliculas VERITAS.**

As **peliculas VERITAS** são superiores a todas. Preços:

4 X 6,5	rôlo	5.30	= copia	$40
6 X 9	»	6.00	= »	$50
6 X 11	»	7.50	= »	$70

A revelagem dos rôlos é **Gratuita.**

Enviam-se encomendas á cobrança.

Representante:

FOTOGRAFIA ACHILES

Avenida Almirante Reis, 1, 1.º Andar — LISBOA

RAMALHO-CABELEIREIRO

ex-empregado do Palacio Azul participa que entrou para a Sociedade Guedes e Gonçalves Novo. A casa mais moderna e mais bonita.

R. da Victoria, 53, 1.º

(Em frente á Casa Africana)

Tel. 28707

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

Vai deixar o Trindade a «Aldeia da roupa branca» classificada pela critica e pelo publico como a maior obra do cinema português, que Chianca de Garcia concebeu e realizou com uma arte suprema, e Beatriz Costa interpretou formidavelmente.

Apenas mais três dias, e a «Aldeia da roupa branca», que perdurará na memoria de todos os portugueses, gravada eternamente na historia do cinema nacional, abandonará o Trindade.

Quem quiser ver uma obra genuinamente portuguesa, de motivos e tipos nacionais, deve portanto apressar-se. A alma portuguesa reflecte-se naquela obra—onde ha um sol luminoso e corações sentimentais...

Atrás do reposteiro

O repertorio a exibir no Brasil pela companhia Beatriz Costa é constituido pelas revistas novas: «Eh! Real!», a de estreia; «O' meu rico S. João!», «Sempre em pé!» «Pega-me ao collo!», «Rua da Paz», «Rosmaninho» e «Dansa da luta» e pelas «réprises» de «Arre burro!», «Santo Antonio», «Liró» e «Agua-Pé».

— Com data de 1 do corrente chegaram noticias de Paris dizendo que o actor-empresario Erico Braga se encontrava doente, ha cinco dias, com um ataque de «gripe», mas que era sua intenção chegar a Lisboa na altura da Pascoa.

— No proximo domingo realizam-se no Maria Vitoria «matinée» e duas sessões, com a reposição da revista «Tudo na lua!».

— Nos espectaculos de Beatriz Costa, no Republica, do Rio de Janeiro, trabalharão, além dos elementos da sua companhia, os artistas Feruza e Ferdoli e «Zé Manuel» (o Rei do Cavaquinho).

— Do repertorio da companhia Amelia Rey Colaço-Robles Monteiro ao Brasil fazem parte as seguintes traduções: «Loucura de amor», «Isabel de Inglaterra», «Ciclone», «Cinco milhões», «Senhor Conde», «Como se faz um homem», «As três Helenas», «O Centenario», «O homem das calças pardas», «Mademoiselle», «Madre Alegria», «O Riso», «Férias da Pascoa», «Aquela noite», «O Pai da menina», «Cristalina», «Romance», Topaze», «Nodoa negra» e «Cinco lobitos».

— Da futura organização do Teatro do Povo apenas só não farão parte do elenco os artistas Abilio Alves, Maria Lalande e João Villaret.

— A «troupe» portuguesa cheflada pelos artistas Lucy Snow e Charles está actualmente em Roma, onde os seus bailados e canções portuguesas têm sido muito apreciados.

— Na clinica do dr. Azevedo Gomes foi hoje operada, com felicidade, a actriz Maria Matos.

— O empresario e nosso amigo José Loureiro, depois da sua viagem, em maio, ao Brasil, em virtude da «tournée» de Beatriz Costa, estará de volta no final do verão para iniciar os trabalhos das três companhias que vai apresentar no inverno.

«Maria Madalena», no teatro Avenida

Maria Madalena filia-se no genero literario teatral de fundo religioso, que pretende reviver na semana da Paixão, de ambiente mistico ante-pascoal, se não a figura de Jesus, a sua espiritualização.

E' teatro cujas raizes se ha-de ir buscar aos «misterios», e que crescendo, evoluindo nos dilatados horizontes da Arte inquieta — perdendo em ingenuidade o que ganhou em expressão — se desenrola ainda na superficie panoramica da doutrina, sagrada pelo fundamento consagrado pelas idades.

ASSIS PACHECO
«Lazaro»

O drama é inesgotavel; as figuras, sempre as mesmas, multiplicam-se de aspectos. O facto fundamental, que nos chegou pelas reportagens, desencontradas nos pormenores, e por isso mesmo sinceras, dos quatro evangelistas, é o manancial estetico-espiritual de todas as efabulações deste genero.

Tendendo mais para o proselitismo do que para a dramatização, a peça que ontem se estreou no teatro Avenida, sacrificando um pouco a simplicidade sem contudo a afogar — insere-se no genero medievo revigorado pela maioridade dos processos de composição.

O autor — Maximo Portugal — revela extraordinarias qualidades de escritor-compositor, e se o seu «teatro», no sentido tecnico profissional, está longe de atingir a perfeição relativa, a peça, que como todas as deste genero se destina a viver os dias do drama passional, deixou a melhor impressão.

A intenção de Maximo Portugal foi a de preencher teatro numa quadra vedada a generos que não sejam os espirituais. Adivinha-se que não quis copiar, imitar, seguir a literatura já interpretada; quis mesmo ser original, «dando uma volta» ao tema eterno, e fazendo de uma mulher, Maria de Magdala, o fulcro do seu trabalho. De pecadora e provocadora, cortezã caprichosa e sensual — ao toque do effluvio do doce Rabi — Maria arrependeu-se e santificou-se.

Foi esta a intenção. Vejamos a realização.

O primeiro acto, de preparação, indispensavel para o efeito do retorno de uma alma ao estado de pureza, é o mais teatral, e vistoso, o de mais publico. Logo se seguem dois actos, repassados de um ambiente calma, tendentes ao proselitismo, como dizemos, e que se nos afiguraram mais belos do que o primeiro, opinião para a qual não pretendemos arrastar ninguem.

A casa de Lazaro, na composição dos quadros é teatro bom, despido é certo da tal «industria» ou «engenho» tecnico de mestres carpinteiros de efeitos. Preparam o final: «Maria Madalena assistiu á ressurreição de Cristo», e deixam uma vaga impressão desse encantador ambiente da Palestina, onde não havia só incensos e mirras mas tambem o aroma dos pomares e dos jardins, sob um ceu predisposto ao sobrenatural.

Efeitos de luz e efeitos musicais — frisos de corais magnificos — pretendem preencher certas lacunas da fabula pela sugestão visual e pela mistica de arte.

O publico de «prémière», e parte dele está embuido do preconceito estritamente profissional, a execução do pensamento de Maximo Portugal talvez não parecesse feliz no seu todo.

A execução é condicionada pela intenção; nós entendemos que houve equilibrio entre os dois factores, e que neste capitulo as qualidades do autor se afirmaram.

Quanto á interpretação ela foi no conjunto dos elementos da Companhia Teatral Portuguesa em absoluto aceitavel. Não estamos no tempo dos «misterios» biblicos, dos entremeses sagrados, nos quais não havia o perigo do ridiculo. Esse perigo existia e foi vencido.

Adivinha-se o dedo de Antonio Pinheiro, Mestre, e é para esta especie de teatro, de formas quasi classicas, que a experiencia tem de se apoiar no saber.

Brunilde Judice compôs, por vezes até á perfeição, a simpatica figura de Maria de Magdala, não a deixando aproximar-se de Salomé, nem caír depois no beatismo serafico. Foi bela enquanto quis; humanissima depois, não se lavando, para o arrependimento, em lagrimas mal choradas. O ritmo na sua interpretação esteve sempre graduado.

Marta — a suave irmã de Maria — foi dada por Irene Izidro em termos de satisfazer os que conhecem a figura pela historia e os que as só a conheceram de ocasião. Figura de vitral...

Fabio, o romano orgulhoso, amoroso e vencido, interpretou-o Abilio Alves, e bem. Em literatura pura desejariamo-lo menos vibrante; em teatro ha-de ser assim. Este reparo mais o merece Henrique Campos, que fez um Saulo, aqui e ali exagerado — e para quê?

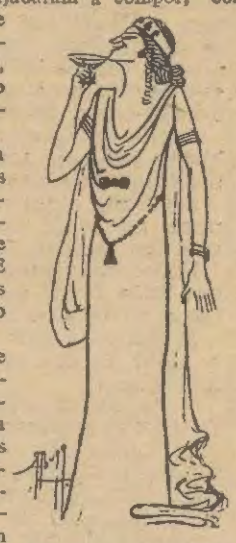
Mais equilibrado logrou ser Alvaro Benamor, na figura simpatica de Estevão; a sua voz, de resto, é propicia.

Gostámos francamente de Assis Pacheco na interpretação do Lazaro; discreto sempre, e bem caracterizado, graduando o tom de voz até dar a verdade do ambiente da sua casa.

Os outros personagens estavam desenhados em plano inferior; ajudaram a compôr, com acêrto: Emilia de Oliveira, Elvira Velez, Lucia Mariani, Aurora Celeste, João Guerra, Henrique Pereira, Rui Furtado.

René Bohet, artista de lamina, dirigiu os coros e a orquestração — tambem em vitralidade musical de Haendel e Wagner. E esta uma das notas de beleza da peça do Avenida.

O guarda-roupa de Alvaro Costa, de figurinos de Hugo Manuel, satisfez, e devia resistir á critica mais austera, se ela se fizesse. Mergulhão soube dar os cenarios — um tudo nada além dos limites do convencional, é certo — mas agradaveis.



BRUNILDE JUDICE
«Maria Madalena»

O conjunto «arquitectonico» desta *Maria Madalena*, a despeito de verbalismos que podem corresponder a um plateresco desnecessario, resultou bem, afinado, sério, em teatro que — sabemos lá nunca! — pode ser «de publico».

No genero, Maximo Portugal e a Companhia Teatral Portuguesa realizaram uma tentativa que não fracassou, e um simpatico esforço que os honram. Um espectaculo admiravel de Semana Santa, nesta Lisboa onde tudo é ranenrão. — A.

AINDA mais duas opiniões autorisadas sobre o filme CIUME—GENTE NOVA—(Entrée des Artistes), a estrear no Eden, sabado de Aleluia.

«Um filme que não posso criticar. Nele, só encontro qualidades, porque gostei dele. Ah! Que belo filme. Vão vê-lo. Não o percam. O filme bem o merece».

Paul Reboux—Paris-Midi

«Uma agradavel aliança da sensibilidade e do espirito; um elenco jovem vibrando sob as emoções da adolescencia: formosas e expressivas caras femininas».

Le Petit Parisien

UM EXCLUSIVO **S. I. F.**

«A Vida de Cristo», hoje, no Coliseu, e amanhã, em «matinée» e á noite

Exibe-se esta noite, no Coliseu, num grandioso programa duplo de cinema, o monumental filme religioso «A Vida de Cristo», a mais perfeita reconstituição da tragedia do Golgota, com o nascimento, infancia, milagres, paixão, morte e ressurreição de Jesus. Despedida do filme: «Inimigo Oculto». Amanhã: em «matinée» e á noite: «A Vida de Cristo» e «Luta de Consciencia». Sabado: estreia, em «matinée» e á noite, do gigantesco filme de aventuras, em 24 partes: «O Rei dos Gorilas».

Para os nossos pobres

Por ser hoje quinta-feira santa, G. A. deixou-nos cinquenta escudos, para serem entregues a 2 chefes de familia desempregados, a braços com a miseria, que tenham recorrido á protecção do *Diario de Lisboa*.

AVENIDA
A's 9 1|2 horas
Um Formidavel Triunfo
A peça sacra de grande espectaculo
MARIA MADALENA
Original de MAXIMO PORTUGAL
Arte Beleza Religiosidade

PROGRAMAS DE HOJE

HOJE—A's 21 e 30 - Tel. 21172
SÃO LUIZ
Viver não custa
com
Janet Gayner, Douglas Fairbanks, Paulette Godard e Billie Burke
Imagens da guerra de Espanha

CENTRAL Tel. 24381
Unica exhibição
BEN-HUR
Telef. 24381—A's 21 e 30

ODEON
REI DOS REIS
A's 21 e 15 Telef. 2 6283
de Cecil B. de Mille

PALACIO
Um sonho côr de rosa
A's 21 e 30 Telef. 4 7163
com Shirley Temple e Ch. Farrell

REX Telef. 2 9656 A's 21
Vida de Cristo
Joana d'Arc

TERRASSE Tel. 2 9017
Vida de Cristo
O sinal da Cruz

TIVOLI A's 21 e 30 TELEF. 5 0595
ULTIMA
A irmã de minha noiva
com Katarina Hepburn e Cary Grant

POLITEAMA A's 21 e 30 Telef. 26305
ESTREIA
Uma noiva em férias
com Barbara Stanwick
Sombras de Nova York
com Louis Hayward

TRINDADE A's 9 1/2 horas
Aldeia da Roupa Branca
Amanhã: Não ha espectaculo.
Sabado e domingo: Matinées e soirées.
Preços Populares

LYS Tel. 48560
A VIDA DE CRISTO
Miguel Strogoff

CASINO ESTORIL A's 21 e 30
Filho de Maria

EDEN A's 21 e 30 Telef. 2 0768
ULTIMA
Companheiros de rua
com Wallace Beery e Mickey Rooney
COMPLEMENTOS VIVOS

CONDES A's 21 e 30 Telef. 2 2523
As aparencias enganam
com Michele Morgan e Raimu
A Vida de Cristo

CAPITOLIO Telef. 2 7493 A's 21
TERRA BENDITA
com Paul Muni
Suiça encantadora e Argentina romantica

PARIS A's 20 e 30
A VIDA DE CRISTO
TORTURA DUM PAI

ROYAL Telef. 45037 A's 21
A VIDA DE CRISTO
Regresso duma alma

APOLO A's 9 e 11 horas
O exito famoso de «Artistas Unidos»
O João do Grão
com o cantador Mario Silva

VARIEDADES
A's 8 e 30 e 11 horas — A REVISTA
EH! REAL!
Com a vedeta BEATRIZ COSTA

HOTEL ALIANÇA
Rua Sampaio Bruno, 53 — Porto
Telef. 224 P.B.X.
Completamente remodelado nas suas instalações com aguas correntes quente e fria em todos os aposentos.
A sua nova gerencia agradece a preferência, já pela sua localisação, a 1|2 minuto da estação do Porto (S. Bento) e ainda pelo esmerado serviço de cozinha e copa.

RECORDAÇÕES DISTANTES

O ENCANTO E O ESPLENDOR

da Semana Santa de outrora

evocados por um aristocrata desses tempos

Quinta-feira de Endoenças. Ontem e hoje... O que era a Pascoa de outrora? O sentimento religioso era o mesmo, mas o encanto era talvez outro, talvez mais belo...

Um espirito finissimo de artista e de escritor, personalidade «doublée» de aristocrata e de plebeu — o sr. D. José Luiz de Saldanha — cuja pena se tem ocultado sob um pseudonimo que se popularizou rapidamente, recebe-nos na sua residencia — pequeno museu de arte e de recordações e acede a evocar-nos a Pascoa no seu tempo.

Acolhe-nos com simpatia no seu gabinete em cujo fogão a lenha crepita discretamente num clarão de fogo.

Pretende esquivar-se á objectiva do nosso fotografo mas acaba por aceder, com um espirito gentil que nos cativa.

Pouco ha a preguntar a um homem que sabe falar, escrever e pensar como o sr. D. José de Saldanha.

Deixemo-lo pois evocar, com todo o sabor do seu espirito, esses tempos longinquos:

— As festas moveis — começa o sr. D. José — acertam-se no calendario com o jogo das estações e nestas os fenomenos meteorologicos repetem-se com certa regularidade. O Carnaval e a Pascoa, esta na maior parte dos anos coincidindo com abril, «mês de aguas mil», em geral são chuvosos; mas tal qual se diz que não ha sabado, dia de Nossa Senhora, em que não apareça o sol, tambem temos verificado em meio seculo de existencia que rara é a Quinta-feira Santa que o astro rei não resplandesce. Nos nossos tempos, a «visita das igrejas» nessa quinta-feira maior constituia, na capital, um acontecimento. Raro era o templo de importancia que se não ornamentava cheio de galas e de luzes. Na capela-mór, segundo costume bem português, existia um grande retabulo com o seu trôno em degraus, encoberto em dias normais por uma tela de assunto religioso. Nas igrejas portuguesas por justo respeito e recato o Santissimo estava em capela privativa fechada por cancelos dourados. Só em festividades solenes o Corpo de Deus Verdadeiro era exposto no referido trôno da capela-mór, tal qual no palacio de nossos reis havia uma grandiosa sala destinada aos dias de grande gala.

Quando o rei procedia ao lava-pés...

Continuamos a ouvir:

— Concluidos os oficios da manhã com a cerimonia de lava-pés, em que os dos pobrezinhos o proprio rei, ajoelhado, beijava e enxugava na sua capela, passado o meio dia, nobreza e povo percorriam os templos, principalmente os do centro da cidade. A visita regulamentar de sete igrejas fazia-a conjuntamente cada familia: os pais acompanhados dos filhos em qualquer idade. A uns levava-os a curiosidade, a outros a devoção, impulso de que só Deus sabe ser juiz. A' porta, andrajosos vendiam rosmaninho que nesta quadra floresce, embalsama e atapeta os templos. Estes rivalizavam entre si na ornamentação do trôno encimado por uma arca dourada que encerrava a hostia e o vinho consagrados nesse dia para a missa dos presantificados em sexta-feira Santa. Os fieis acotovelavam-se naquelas epocas em que eram desconhecidas bichas e regulamentos de transito e os cotovelos serviam de passaporte...

Um quadro da epoca:

— O templo com as janelas fechadas, quasi ás escuras, era apenas iluminado por centenas ou milhares de velas de cera que trepavam pelo trôno, este coberto de flores e de gramineas que os sacristãos de longa data tinham feito crescer num estiolamento que os descorava. No chão, na capela-mór ou ante o altar destinado á exposição do Santissimo, espraiava-se a fantasia do ornamentador num cenario brincado: cruzes de flores, jardins matizados em que não faltavam os tanques de espelho onde, ás vezes, se destacavam cisnes feitos de algodão. Ha sempre vantagem em, por qualquer forma, atrair as almas á casa do Senhor, porque daquele ambiente aproveitam mesmo os tibios e os indiferentes. Para fazer vibrar a alma, pode convir impressionar os sentidos, tão fraca é a condição humana!

O sr. D. José reaviva a memoria e a saudade:

— O Chiado com as numerosas igrejas circunvizinhas, o Sacramento, os Martires, a Encarnação, o Loreto, o Carmo e S. Roque, era o local da grande parada. Encostados ás paredes a verem o desfile das alfacinhas piedosas, alinhavam-se os janotas de luva branca calçada, chapeu alto, fraque ou sobrecasaca, peça de indumentaria que ennobrecia e passou á historia nesta epoca de chapeu e colarinho moles. Naquela arteria principal e nas convergentes não circulava uma carruagem. Hoje, e ainda bem, todos mais ou menos têm o seu automovel; naquele tempo carruagem propria só a tinha a élite, a nobreza de sangue e a da bolsa, as pessoas de boa educação. Sua Majestade a rainha ou seus augustos filhos, ainda infantes, acompanhados pela dama D. Isabel Ponte, ás vezes associavam-se a esta visita a uma ou outra igreja, dando o bom exemplo e emocionando seus subditos. Ao entardecer, a afluencia dos visitantes deminuia quando oficios de trevas se iniciavam em alguns templos.

Uma pequena pausa e a evocação prossegue:

— Na Sé, sentado na sua cadeira, Sua Eminencia, revestido do «camauro», capuz vermelho orlado de arminho, presidia á cerimonia. Em outros templos de Lisboa, sacerdotes arrebanhados e confusos procuravam seguir a liturgia. Em S. Luiz, a pequena igreja dos franceses, rezava a via sacra, o padre Miel que, com seus fartos sobrôlhos, tanto aterrava as suas penitentes, ele que era um coração de ouro e tanto bem fez á Religião em Portugal quando os liberais, no fundo tão catolicos, pareciam revoltados anti-clericais...

Nos Inglezinhos

— Tinham fama as cerimonias nos Inglezinhos...

— Era nos Inglezinhos, sim, em pleno Bairro Alto, que as cerimonias da Semana Santa atingiam maior solenidade e brilho. Nesse templo frio, de arquitectura jesuitica, cantavam os alunos daquele colegio que os lisboetas conheciam bem de os ver passear ás quintas-feiras, aos pares, envergando sotaina preta avivada com estolas vermelhas. Anteriormente ao «motu proprio» de Pio X que restabeleceu na igreja catolica o inexpressivo canto gregoriano, os oficios da Semana Santa eram musicalmente encantadores, todos os salmos eram acompanhados a orgão em que o organista floreava com mestria parecendo abreviar a extensão desses oficios, os responsorios das lamentações e das lições eram paginas admiraveis com solistas, grupos e coros e com as quais o progredir da harmonia adoçara e alegrara as tristezas do cantochão.

«A Igreja catolica — acrescenta — fundamentalmente alegre, fonte da vida, no seu inicio confinada nas catacumbas, era um viveiro de martires; os sobreviventes tinham forçosamente de exteriorizar o seu sentir nos tons graves e uniformes do canto liturgico, mas Cristo venceu, a Sua doutrina de Verdade espalhou-se «urbi et orbi», a alegria do cantar póde livremente expandir-se, ao salterio sucedeu o orgão, novos instrumentos deram vida á musica polifonica, os cantos funebres transformaram-se em sorridentes hossanas. Sômos do tempo em que o «Te-Deum» em acção de graças a Deus cantado na Sé de Lisboa, em 31 de dezembro de cada ano, com a presença do Chefe de um Estado catolico, era cantado sobre motivos inspirados no Hino da Carta. Não seria musica sacra mas era bem a comunhão entre a Igreja e a Nação.

O sr. D. José vai-nos mostrando o velho filme:

— Antes de terminados os oficios de trevas em quarta, quinta e sexta-feiras Santas, com o surpreendente Cantico de Zacarias, a varias vozes, e o impressionante «Miserere», o unico trecho de musica sem acompanhamento de orgão, os coristas entoavam seguidamente e sem antifonas isoladoras os salmos CXLVIII, CXLIX e CL num Laudate Dominum de coelis, Cantate Domino canticum novum e Laudate Dominum sanctos ejus, num crescendo admiravel e em que os fieis sentiam bem a necessidade de louvar o Deus dos Exercitos. Até neste ponto o ritual foi em nossos tempos modificado... Os oficios da Semana Santa nos Inglezinhos, pelo respeito e ordem com que se celebravam, eram os mais frequentados pela chamada «alta sociedade» ou seja a classe que pela sua elevada situação melhor marcava.

O sr. D. José Saldanha no seu gabinete de trabalho

«Findas as cerimonias, á saída, na vasta portaria todos que bem se conheciam confraternizavam, afectuosamente acolhidos pelo Father Singleton, com os lobinhos na testa, um dos professores mais categorizados daquele colegio. O seu demorado estagio em Portugal tornara-o como nosso compatriota, era uma figura bem popular, não só querida pelo povinho do Bairro Alto, do qual a sua caridade era bem sabida, mas pela tal alta sociedade onde só encontrava amigos. Aos oficios de trevas assistia sempre nas três tardes o Nuncio de Sua Santidade e nos de sexta-feira comparecia invariavelmente a rainha Senhora D. Amelia.

«Esta predilecção da aristocracia pelos templos francês, de S. Luiz; inglês, de S. Pedro e S. Paulo e irlandês, do Corpo Santo, não era motivada por falta de sentimento nacionalista. Estavamos numa epoca grave de ressurgimento social, quando, suprimidos os conventos que aos milhares se espalhavam pelo país, a miseria se alastrava assustadoramente. Havia que criar novas instituições em que a caridade se instalasse e eram os directores espirituais de S. Luiz (o pére Miel), dos Inglezinhos (Fth Raedmaker) e do Corpo Santo (P. Russel) que principalmente guiavam e encorajavam as fidalgas de boa vontade.

«E' admiravel a acção nacional nascida e organizada por essas benemeritas que antepunham a caridade cristã á filantropia burocratica, e de cuja sementeira ainda hoje se colhem preciosos frutos.

«Não sei — diz-nos modestamente o ilustre aristocrata, em cuja lapela vemos brilhar o emblema da «Legião Portuguesa» — se estas palavras lhe dão uma ideia... E' o que me vem á cabeça.

PROFESSOR EGAS MONIZ

O ilustre professor sr. dr. Egas Moniz tem continuado a sentir consideraveis melhoras, com o que muito nos regozijamos.

Uma verdadeira exposição de Beleza
nas montras da SUIÇA-Rossio, 96 e 98
com lindissimas cartonagens para brindes da Pascoa

BRONZES DE ARTE

O Chefe do Estado, acompanhado por sua esposa, pelo ministro da Educação Nacional e por outras individualidades, inaugurou hoje, no Salão de Exposições da Garrett, uma notavel exposição do ilustre escultor e cinzelador Antonio Maria Ribeiro, em que figuram tambem trabalhos de Soares dos Reis, Teixeira Lopes, Simões de Almeida, etc.

PELA PASCOA
Adquira um lindo receptor
WELCO-RADIO
Receptores desde 300$00 — Facilidades de pagamento
Casa do Radio — 113, R. S. Nicolau, 113-Tel. 2 1578

Dos nossos enviados especiais

ENTRE MADRID E VALENCIA

vagueiam os destroços

das diversas brigadas vermelhas

MADRID, 6. (Via radio directa)—E' a derrocada! A enxurrada humana corre ao longo da estrada, nos trezentos quilometros que separam Madrid de Valencia.

São milhares de seres, em grupos que marcham a pé, evitando passar pelas povoações que se «fecham», hostis ou receosas.

Ha longos dias que marcham através desta terra árida e montanhosa onde não ha uma arvore, uma folha. A guerra destruiu e esvaziou tudo, deixando só escombros fumegantes.

Vêmo-los passar, cada vez em grupos mais densos, esfarrapados, famintos, esqueléticos, com a cara devorada pela erva ruim da barba. Uns amarraram as cabeças com lenços, á moda aragonesa; outros têm ligaduras manchadas de sangue; outros ainda vão trôpegos, arrastando as pernas feridas ou amparados a bengalas.

Todos abandonaram as mochilas e o aprumo militar—se é que o tiveram algum dia; só lhes resta a manta—aquela caracteristica manta espanhola que serve para tudo.

Alguns deixam-se ficar nas bermas da estrada. Já não podem mais! Os seus oficiais e os seus chefes civis abandonaram-nos. Para que ir mais para diante, se o trajecto não se conta por quilometros, mas por dias de sede e por semanas de fome?

O nosso «Balilla» passa, cortando este imenso rio de famintos. Eles nem sequer olham, vencidos e curvados sobre o asfalto, os ombros lassos de resignação, fugindo, fugindo sempre, ao campo de concentração a final inevitável.

Nem sempre encontram água para beber. Vimos um cavando a terra avidamente, para arrancar do sólo alguns goles de agua barrenta.

Ha os que marcham sózinhos. São os mais tristes no seu isolamento, no silencio magnético da paisagem, atravessando alternadamente zonas de sol, de frio, de chuva.

Outros, porém, vão em grupos, aos três, aos quatro, aos cinco, com capotes esfarrapados e na cabeça a gôrra russa de lã com pála e duas voltas. Nem uma estrela dum oficial. Apenas —«carne de canhão»!

Todas as estradas do Levante vão cheias duma migração compacta, em flecha, para Alicante. Alguem lhes disse que seria ali criada uma zona neutra onde poderiam embarcar.

A enxurrada continua compacta, vencida, sem um gesto de ameaça, nem uma depredação.

Passamos por entre esses grandes nucleos silenciosos que vão demandando as suas pequenas aldeias, preguntando a nós proprios como vencerão a horrivel fadiga—pesada como chumbo.

Nem um riso, nem uma canção!

Pelo caminho, ficaram espingardas, metralhadoras, até canhões!

Os mais felizes são os que ainda levam um saquitel de pão que repartem a meio da jornada, em merenda fraternal. Mas para a outra paragem do caminho nada haverá.

O que sabem eles da guerra? Chamaram-nos, levaram-nos.

Por vezes, ao longe, na linha dos montes, divisam-se sombras. São foragidos procurando a estrada, engrossando a cadeia humana. Ninguem lhes dirá nada. Passam ao largo das aldeias, como lobos quando avistam lume ou qualquer sinal humano. Alguns, esmagados pelo cansaço, agarram-se aos varais de carroças, e assim vão dormindo, de olhos abertos dilatados pela febre, musculos anquilozados, até que as mãos dormentes se desprendem como as dum náufrago cançado de nadar que prefere a morte a mais um segundo de vida, tão cara ela lhe custa em dôr e sofrimento!

O aspecto de Alicante

ALICANTE, 6. (Via Radio Directa)—Alicante canta, nas suas praças douradas, como um côro de cigarras...

Ninguem aqui pensa no que foi a guerra. Ainda bem!

No entanto, é bom dizer-se que o exercito vermelho desbaratado vem a caminho pedir pão á cidade frivola—e ha que o dividir com ele, pois Franco está-o dando com abundancia.

ARTUR PORTELA

Franco entrará em Madrid no domingo

BURGOS, 6. — No domingo de Pascoa Franco entrará triunfalmente em Madrid, a-fim-de assistir ao desfile de 50 mil homens.—(U. P.).

Reunião do governo em Burgos

BURGOS, 6. — O conselho de ministros, que se reuniu sob a presidencia de Franco, aprovou um vasto programa de trabalhos publicos, que compreende, entre outras cousas, o desenvolvimento da rede de estradas, costas navegaveis e portos espanhois.

Anuncia-se que o conselho de ministros tambem se ocupou dos «mais importantes assuntos politicos». Não se deram pormenores.—(Havas).

A «bicha» para os viveres na séde do Auxilio Social da Falange, em Madrid

O capitão Botelho Moniz

veio tratar

da retirada dos «viriatos»

Chegou a Lisboa o bravo comandante dos «viriatos» sr. capitão Jorge Botelho Moniz — que no «Diario de Lisboa» publicou interessantissimas crónicas da guerra de Espanha, com o pseudónimo de «X. Y. Z.».

Tendo, felizmente, acabado a guerra, já não é necessária a presença dos oficiais e sargentos «viriatos» no país vizinho, onde se cobriram de glória, e por isso devem retirar para Portugal com a maior brevidade possivel. Esse foi o motivo da viagem a Lisboa do heroico oficial, que depois de amanhã regressará a Espanha, para ultimar os preparativos da retirada dos «viriatos», aos quais serão prestadas publicas homenagens, á sua chegada a Portugal.

A vida em Madrid

MADRID, 6. — A vida na capital é quasi normal. A ração de pão subiu a 250 gramas por pessoa. Diversas lojas começam a vender artigos que ha quasi dois anos não havia em Madrid. Nos *bars* e cafés vendem-se vinhos, licores e cervejas. Quasi por toda a parte encontra-se, por 5 pesetas, uma especie d erefeição fria, composta de chocolate, uma lata de sardinhas e um pão. Continua a trocar-se moeda. Anuncia-se a dissolução das milicias provisorias da Falange criadas na altura da ocupação.—(Havas).

A situação em Valencia

VALENCIA, 6. — A vida continua a correr normalmente na cidade. A partir de ontem, aumentaram-se as rações. A troca da moeda continua a fazer-se activamente.

O governador militar ordenou que todos os membros do exercito republicano se apresentem, imediatamente, nos campos de concentração.—(Havas).

Chegaram a Espanha 13 navios que estavam em Bizerta

ALGECIRAS 6. — Entraram hoje nêste porto as 13 unidades da frota republicana, que se tinham recolhido a Biserta, depois de terem fugido de Cartagena.

Os navios, que tiveram aqui um entusiastico acolhimennto, sairam hoje para Cadiz, onde devem ter, igualmente, uma recepção calorosa.—(U. P.).

Diligencia francesa em Burgos

PARIS, 6. — O governo francês encarregou o seu embaixador em Burgos de pedir ao governo espanhol esclarecimentos a respeito dos boatos que correm com persistencia sôbre o envio de reforços italianos para Espanha.— —(Havas).

A ida de refugiados para o Mexico

MEXICO, 6. — Segundo os jornais, parece que Narciso Bassols, ministro do Mexico em Paris, entregou, durante a sua estada no Mexico, uma importancia equivalente a 32 milhões de francos em nome do antigo governo republicano espanhol. Aquela importancia destina-se á instalação de familias espanholas no Mexico. Por outro lado, os jornais anunciam a chegada ao Mexico do capitalista basco Echeverrieta, que viria ocupar-se da instalação de numerosas familias bascas, designadamente no estado de Oaxaca, onde pensaria instalar uma fundição.—(Havas).

Uma exposição em Vitoria

14 CAIXOTES

com obras de arte sacra portuguesa

seguem esta noite para Espanha

No domingo de Pascoa, abre em Vitoria, sob o patrocinio do governo espanhol, uma Exposição Internacional de Arte Sacra, na qual foi convidado a representar-se o nosso país, como a Italia, a Alemanha, a França, a Suiça e a Belgica.

O sr. ministro da Educação Nacional encarregou de organizar a nossa representação a Academia Nacional de Belas Artes, á qual preside o notavel homem de ciencia e de arte dr. Reinaldo dos Santos. Serviu de base aos trabalhos da Academia o mais importante e interessante monumento de arte sacra portuguesa do nosso tempo, em que colaboraram muitos artistas modernos: o templo de Nossa Senhora de Fatima. E, com a dedicada cooperação dos srs. ministro da Educação Nacional, Cardial Patriarca de Lisboa e embaixador de Portugal em Espanha, conseguiu-se que a nossa representação, a-pesar do pouco tempo que houve para ser organizada, seja de molde a honrar-nos.

No comboio da noite, seguirão hoje para Espanha, em 14 caixotes, numerosas obras, umas referentes áquela igreja, outras de diversos artistas portugueses, como por exemplo: um vitral de Almada Negreiros, executado por Leone; cartões e gessos relativos ás estatuas de Francisco Franco e Leopoldo de Almeida; desenhos, fotografias e a «maquette» da igreja, de Pardal Monteiro; fotografias e cartões dos frescos da «Via Sacra», de Henrique Franco; um «Santo Antonio», de Raul Xavier; pinturas de Faria Estrela, etc.

O PORTO

pelo telefone

Ainda o temporal

PORTO, 6.—Com a melhoria das condições atmosfericas os portos do Douro e Leixões já tiveram hoje movimento de entradas e saidas.

Em Leixões entrou esta manhã, saindo á tarde, o paquete «Hylari» que esteve fundeado ao largo daquele porto durante o dia e noite de ontem.

Tambem em virtude da acalmia do mar entrou no Douro, pela primeira vez, o vapor «Africa Ocidental», da Companhia União Fabril.

Semana Santa

Devido ás festividades da Samana Santa o movimento nas ruas aumentou consideravelmente com pessoas desta cidade e dos arredores que vêm efectuar as suas compras da Pascoa.

Os templos têm sido muito concorridos, montando-se um serviço especial de repressão aos cadastrados, os quais habitualmente conseguiram fazer larga colheita á entrada das igrejas.

Varios estabelecimentos encerraram as suas portas.

Os gatunos queriam roubar

«Um homem de 50 anos»

Conforme os jornais noticiaram, os gatunos entraram ante-ontem á noite na Parceria Antonio Maria Pereira, onde se preparavam para furtar, durante a madrugada, centenas de livros. Foram encontrados diversos massos de livros que os larapios estavam embrulhando quando tiveram de fugir precipitadamente. Ao abrirem-se os embrulhos verificou-se que os massos eram constituidos pela ultima novidade literaria hoje posta á venda em todas as livrarias: «Um homem de 50 anos», *livro de palpitante interêsse, da autoria de Alexandre Malheiro, que nos dá a vida amorosa do homem a quem os cabelos grisalhos não tiraram o entusiasmo e o vigor dos vinte anos... Parece esta noticia um réclamo á americana. Não o é, todavia. Os larapios preparavam-se para fazer muito dinheiro com* «Um homem de 50 anos»*—o livro do dia—que teve durante a tarde de hoje uma venda enorme.*

REX-BAR
ABERTO TODA A NOITE
MUSICA DE FABRE

VIDA DESPORTIVA

PORTUGAL-ESPANHA

Seguiram ontem, ao fim da tarde, de automovel, para Sevilha, os srs. capitão Maia Loureiro e dr. Virgilio Paula, dirigentes da Federação Portuguesa, que vão á capital da Andaluzia com o objectivo de conseguirem a realização dum Portugal-Espanha em «football», brevemente, em Lisboa.

O presidente da Federação, sr. Cruz Filipe, despediu-se dos seus colegas—os quais se avistarão em Sevilha com o presidente da Federação Espanhola, o nosso conhecido sr. Lopez Garcia—desejando-lhes o mais completo triunfo.

Sôbre a oportunidade da efectivação dêste encontro internacional falaremos mais tarde. Por ora, limitamo-nos a dizer que a Federação Portuguesa revela o seu espirito tradicionalista. E' que é tradição dos portugueses andarem pela vizinha nação a pedir a realização dum Portugal-Espanha...

DOMINGO DE PASCOA

Nem todos os usos, porém, estão a ser mantidos no «football» português.

O domingo de Pascoa foi sempre um feriado respeitado pelo «football» oficial. Que nos recorde, nunca se fizeram desafios de competição nessa data.

Esta quadra da Pascoa era antigamente aproveitada pelos clubes para se disputarem jogos com «équipes» estrangeiras. Da influencia que esses desafios exerceram no «football» português já se tem dito o suficiente. Não insistimos nêsse ponto.

Apontamos tão sòmente a circunstancia de ser a primeira vez que se disputam jogos oficiais, e por ordem de Federação, no domingo de Pascoa.

Ha clubes que vão oferecer amendoas aos seus adversarios...

PEYROTEO NA INGLATERRA

Parece que Peyroteo, o avançado centro do Sporting e da Selecção Nacional, será o beneficiado pela iniciativa do «Seculo» de mandar a Londres, á final da «Taça da Inglaterra», o jogador mais votado no seu interessante e util concurso.

Este triunfo pessoal de Peyroteo servir-lhe-á por certo de estimulo, dizendo-lhe que nunca se deverá afastar na vida desportiva do caminho da lealdade e da correcção.

O «Seculo» prestou mais um serviço á causa desportiva. O concurso, além do seu objectivo moral, é duma utilidade evidente.

Peyroteo, se ficar esta semana com a maior votação, partirá para Londres no proximo dia 21. Verá os mestres da bola *em acção.* E ha de aprender alguma coisa — *que ainda não saiba!*

T. S.

CICLISMO

«Chama da Patria»

O *Seculo* promove, no domingo, em homenagem aos combatentes portugueses de La Lys, uma grande prova desportiva denominada «Chama da Patria».

Todos os «ases» do ciclismo estão inscritos. A partida dar-se-á na Batalha, ás 12 e 30, e a chegada na avenida da Liberdade, em Lisboa.

Haverá ainda uma parada atletica, na qual tomam parte centenas de atletas populares.

UM ANIVERSARIO

O 35.º do Benfica

Realiza-se hoje, na secretaria do Sport Lisboa e Benfica, pelas 21 horas e 30, uma exibição de bilhar pelos socios do clube José Alabern e Alvaro de Oliveira, seguida dum torneio-relampago, inter-socios.

Torneio no Cruz Quebrada

Ha colectividades desportivas que, embora sofrendo revezes da sorte e não gozando vida desafogada, cumprem o seu papel com entusiasmo.

Assim, vemos o Cruz Quebrada, este ano colocado em má classificação no Campeonato da II Divisão da A. F. L., agitar-se e movimentar-se sob aspectos simpaticos e de futuro: a realização dum torneio de «foot-ball» inter-socios.

Esta competição, que colheu o melhor aplauso dos associados, reuniu em pouco tempo a inscrição de quatro grupos completos e começará já amanhã.

HOCKEY EM PATINS

A Selecção Nacional causou optima impressão em França

Não podia ser melhor a impressão causada pela selecção portuguesa de «hockey» em patins em França. O jogo com a selecção da Gironda foi reclamado como se se tratasse de um Portugal-França.

O jornal «La France», de Bordeus, diz que os portugueses corresponderam á fama de que vinham precedidos.

Segundo «La France», a nossa selecção é constituida por elementos excessivamente ageis, muito rapidos, mestres na arte de blocar, interceptar e «shootar» seco, e conseguiu desorientar, pela rapidez e precisão de passes, os franceses. O medio Sidonio Serpa e o Leonel Costa foram os que mais impressionaram. Ao primeiro chamam soberbo atleta. De resto, lê-se no citado jornal que todos os portugueses se mostraram nitidamente superiores aos franceses.

O jornal «Le petite Gironde», de Bordeus, exprime opinião identica.

A selecção portuguesa alinhou com Adrião, Lopes, Sidonio Serpa, Oliveira Serpa, Leonel Costa e Mendes.

AUTOMOBILISMO

Aumenta dia a dia a inscrição para o «Radio-Rallye»

Inscreveram-se ultimamente para o «1.º Radio-Rallye» que se efectua no proximo domingo, os seguintes automobilistas:

José Melo Portugal, Justino Gonçalves, Luiz Clington Lobo, Hernani Ramazzotti Lobo, Armando Figueiredo, Fernando Branco, Jaime Bray, João Pereira Duarte, França Borges, Julio Ceia Gomes, Moisés Costa, Joaquim Nunes dos Santos, José Octavio Serrano, José Guedes, Manuel Duarte Nunes dos Santos, Francisco Ferreira Ramos, José Francisco da Costa, Amadeu Manuel Seabra, Armando José Viegas Vaz, Jorge Lima (do Porto), Carlos Dias, Luiz Gonçalves Dias, Fernando Garção, D. Maria Emília Piano Martins, Antonio Nunes dos Santos, Artur Teixeira de Moura (do Porto).

Já estava inscrito um grande numero de concorrentes. O «1.º Radio-Rallye» vai, portanto, ser disputado por algumas dezenas de automobilistas, o que se pode considerar um grande êxito.

FOOTBALL

Morreu o brasileiro Fausto, famoso médio-centro

RIO DE JANEIRO, 6. — Faleceu um dos maiores jogadores de «football» brasileiro, Fausto, que se notabilizara pela sua acção em numerosos desafios internacionais.—(United Press).

Uma obra notavel

do professor José Leite de Vasconcelos

A Imprensa Nacional de Lisboa acaba de editar mais dois volumes dos notaveis *Opusculos* do prof. dr. Leite de Vasconcelos, que contêm inumeros artigos sôbre *Etnologia* (cêrca de 1500 paginas), anteriormente publicados em varias revistas, e agora remodelados, acrescentados e metodicamente ordenados.

Numa 1.ª serie, apresenta-nos o sábio professor os *Opusculos* relativos á epoca lusitana, sôbre magia e religiosidade, medicina, disquisições geograficas, grupos etnicos, trajos guerreiros, deuses lusitanos, etc. Na 2.ª serie, mais extensa e relativa á epoca portuguesa, discreteia o autor sôbre os mais variados assuntos, como lendas e costumes populares, superstições e crendices, formulas magicas e amuletos; arte popular e etnografia artistica; literatura popular—contos, modinhas, cantos, dansas e entremeses, poesia regional e local, poesia de amor, poesia religiosa, canções de berço, etc.; e ainda uma vasta miscelanea e notulas etnograficas, além de alguns estudos criticos e prefacções de obras de outros autores.

Os Opusculos, do dr. Leite de Vasconcelos, agora reunidos em volume, ficam constituindo um dos maiores repositorios da etnologia nacional.

CARTAZ

TEATROS

APOLO—A's 20 e 45 e ás 23—«João do Grão».
AVENIDA — ás 21 e 30 — «Maria Madalena».
VARIEDADES—A's 20 e 30 e 23.—«Eh, real!»

CINEMAS

S. LUIS—A's 21 e 15.
TIVOLI—A's 21 e 30.
EDEN-TEATRO — A's 21 e 30
POLITEAMA — A's 21 e 30.
TRINDADE—A's 21 e 30.
CAPITOLIO—A's 21.
CENTRAL—A's 21 e 15.
COLISEU — A's 21 e 30.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
CONDES—A's 21 e 30.
ODEON—A's 21 e 15.
OLIMPIA—Das 14 e 30 ás 0 horas.
PALACIO—A's 21 e 30.
REX—A's 21.
ROYAL—A's 21.
SALÃO IDEAL — Rua do Loreto.
JARDIM CINEMA—Domingos e 5.as feiras.

Leiam hoje o jornal humoristico SEMPRE *SEMPRE FIXE.*

O novo bairro municipal

da Quinta da Calçada recebeu hoje mais 50 familias

O novo bairro municipal de casas economicas da Quinta da Calçada, recebeu hoje mais 50 familias do bairro das Minhocas, que, no domingo passado, foram inspeccionadas pelos medicos dos serviços da Acção Social da Legião Portuguesa.

Os novos inquilinos do higienico bairro, construido em «Lusalite», foram transportados em camionetas do Batalhão de Sapadores Bombeiros e a ocupação das novas e magnificas moradias fez-nas condições anteriores, após a respectiva desinfecção no Parque Sanitario.

Dirigiu a instalação dos novos moradores, na presença de varios membros da comissão administrativa do bairro, o sr. major Galhardo, comandante da Policia Municipal, auxiliado pelos dois fiscais do bairro.

A' Colonia Espanhola

A CARIOCA, L.DA, encarrega-se da entrega pelo correio dos seus cafés ás vossas familias residentes em Espanha, em pacotes não superiores a 500 gramas.

Carioca, L.da, R. Mundo, 9

FATOS

e UNIFORMES

pelo reputado contra-mestre

MAURY

DIPLOMADO POR PARIS

Tambem a prestações até 12

DIAS DE CARVALHO, L.A

R. dos Correeiros, 184, 3.º

PBX — 26738 — LISBOA

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$15	110$19
New-York	23$52,9	23$54,2
Paris	$62.3	$62,3
Berlim	9$43,8	9$14,3
Madrid	2$60,7	2$60,8
Amsterdam	12$49,1	12$49,8
Bruxelas	3$95,7	3$96,0
Roma	1$23,7	1$23,8
Zurich	5$27,7	5$28,0
Rio de Janeiro	1$37,6	1$37,7
Libra ouro	—	—

ACABA DE APARECER

a 2.ª edição de a verdadeira historia e vida da

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)
1820-1846
por **Julio de Sousa e Costa**

1 vol. de 208 pags., com uma artistica capa a côres do pintor Roberto Santos, um retrato da Severa e uma gravura da casa onde ela morou, **Esc. 8$00;** pelo correio, á cobrança, Esc. 8$50. A' venda nas livrarias. Pedidos á **Livraria Bertrand** — 73, Rua Garrett, 75 — **Lisboa,** ou á **Livraria Internacional, Ld.a** — 43, Rua 31 de Janeiro, 45 — **Porto.**

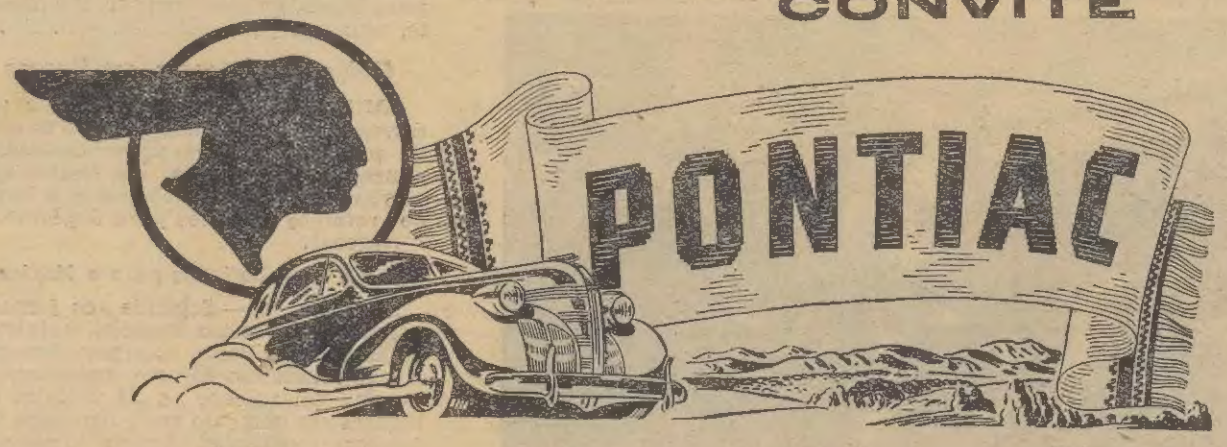
PAPELARIA CARLOS

Grandioso sortido de canetas com tinta, lapiseiras e carnets

Rua do Ouro, 36 — LISBOA

SABADO ALELUIA

CONVITE



SAMAMEDE, L.da tem a honra de convidar V. Ex.a e sua familia para visitar o novo Stand «PONTIAC», que se inaugurará no proximo sabado, dia 8, ás 16 horas

EXPOSIÇÃO DOS MODELOS PONTIAC 1939 das 16 ás 24 horas

Travessa de S. Mamede, 74

BRANDY ★★★★★
CONSTANTINO
AGUARDENTE VELHA DO DOURO

ESTRANGEIRO

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARROIOS, 211 — Telf. 41987
SERVIÇO PERMANENTE

No Extremo Oriente

Propaganda anti-inglesa

LONDRES, 6—Dizem de Changai á Reuter: Estão já formadas, com a aprovação das «autoridades japonesas» na maior parte das regiões da China ocupadas associações anti-inglesas. Só na região de Nanquim, onde já começou a boicotagem dos produtos ingleses, obteve-se a adesão de 150.000 pessoas. A propaganda contra os ingleses foi confiada ao «departamento dos assuntos gerais da comissão anti-britanicas»; consiste em lições destinadas a fazer compreender ás crianças «a politica agressiva da Grã-Bretanha na China», bem como a campanha de publicidade acêrca dos incidentes ocorridos entre a China e a Grã-Bretanha.—(Havas).

A ocupação das ilhas de Spratley

TOQUIO, 6—O embaixador da França entregou no ministerio dos Negocios Estrangeiros uma nota de protesto contra a proclamação duma jurisdição japonesa nas ilhas Spratley. —(Havas).

Cai neve em Toquio

TOQUIO, 6—Esta noite nevou na cidade. E' um fenomeno muitissimo raro, pois nesta época e nesta região já as cerejeiras começam a florir. Desde 1931 que não nevava em Toquio.—(Havas).

AS COMEMORAÇÕES CENTENARIAS

Foi nomeada a comissão que deve organizar a representação do Brasil

RIO DE JANEIRO, 6—O dr. Getulio Vargas assinou um decreto nomeando, sem encargos para o Tesouro Nacional, a comissão que deve organizar a representação do Brasil nas comemorações centenarias de Portugal.

A comissão, que é presidida pelo general Francisco José Pinto, tem como vogais os srs. Caio de Melo Franco, ministro plenipotenciario; Abelardo Bueno do Prado, conselheiro de embaixada; Heitor Lyra, major Francisco Afonso de Carvalho, capitão de fragata Didio Afonso Costa, Oswaldo Orico, M. de Andrade e Antonio de Lima Junior, este na qualidade de secretario.—(United Press).

BRINDES DA PASCOA
Os mais bonitos e os mais baratos são as
Porcelanas da Vista Alegre
Visitem o depósito da Fábrica, no Largo do Chiado, n.º 18.

Pensão Castro
Com quartos confortaveis para casal e pessoa só. Comida com abundancia. Almoços e jantares ao domicilio. Recebem-se comensais.
Avenida da Liberdade, 53, 2.º, D.

Espumantes Naturais
Neto Costa
TELEFONE—2 5141

Está a morrer

o chefe do governo australiano

LONDRES, 6—Informam de Sydney á Reuter que é desesperado o estado do primeiro ministro, J. A. Lyons, que se encontra ha dias hospitalizado.—(Havas).

Novo governo na Siria

DAMASCO, 6—Constituiu-se o novo governo sirio. Compreende quatro ministros e é presidido por Nassui Bucari. Trata-se dum ministerio neutro. A crise durava ha 23 dias.—(H.).

Pensão Belga
R. Actor Tasso, 11 (Rotunda) — Telef. 4 0529
a melhor situada e que mais comodidades oferece

Iniciou-se em S. Sebastian

um ciclo de conferencias sobre Portugal

SAN SEBASTIAN, 6—Presidido pelo embaixador de Portugal, sr. dr. Teotonio Pereira, iniciou-se o ciclo de conferencias sobre Portugal, promovido por iniciativa do ministro do Interior para festejar a assinatura do pacto de amizade e não-agressão luso-espanhol. Assistiram o vice-presidente do Estado e ministro dos Estrangeiros, conde de Jordana, D. Antonio Goicochea, as autoridades militares e civis e as pessoas mais representativas nas Artes, nas Letras e nas Ciencias de San Sebastian.

Quando o sr. dr. Teotonio Pereira entrou na sala, a assistencia, de pé, tributou-lhe uma estrondosa ovação, ouvindo-se constantes «vivas» a Portugal, Espanha, ao general Carmona, Franco e Salazar.

Iniciou o ciclo de conferencias o presidente da Deputação de Saragoça, que falou sobre «A lição de Espanha e Portugal no momento presente».

No final, o embaixador de Portugal proferiu algumas palavras de agradecimento, voltando a ouvir-se, então, calorosos aplausos.—(United Press).

A Italia vai adquirir

petroleo no Mexico

MEXICO, 6—Uma fonte autorizada anuncia que a Italia se esforça ha tempo por conseguir petroleo mexicano contra seda artificial, mas parece que o Mexico está pouco disposto a aceitar a proposta, devido á oposição de certos circulos industriais da seda.. A-pesar do mutismo das esferas oficiais, parece, no entanto, que o acôrdo relativo á referida troca, embora pareça bem encaminhado, ainda não está definitivamente concluido.—(Havas).

ARDEU EM MEMEL

a casa onde se prendiam os politicos

MEMEL, 6—Um incendio reduziu a cinzas a antiga casa de detenção lituana de Bajohren, onde as autoridades da Lituania encerravam os presos politicos de Memel. A oficiosa D. N. B. anuncia que «assistiu áquele espectaculo grande numero de presos politicos alemães de Bajohren».—(H.).

CARTEIRAS PARA HOMEM
O maior sortimento o melhor fabrico. Pastas para secretaria e para todos os fins, porte-moedas, estojos, são brindes de maior utilidade
CASA DAS MALAS
180, RUA DO OURO, 182
110, RUA DA PRATA, 114

Trigo norte-americano

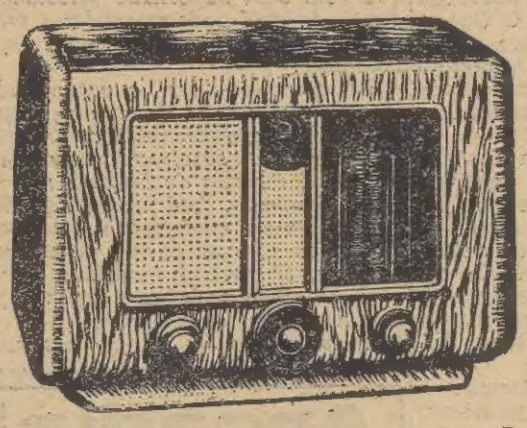
para a Alemanha

WASHINGTON, 6—A repartição federal para a colocação dos excedentes agricolas anuncia que, até 23 de março, foram vendidos á Alemanha 336.000 alqueires de trigos, de harmonia com o programa do governo dos Estados Unidos para os premios de exportação. Os excedentes de trigo vendidos para exportação na corrente estação elevam-se a 68 milhões de alqueires. A repartição acentua que o governo norte-americano vende o excedente a exportadores particulares, livres de os cederem para onde quiserem. O governo limita-se a vender o excedente da colheita aos exportadores por um preço que lhes permita concorrer com os preços mundiais. A maior parte das exportações dos excedentes de trigo foi vendida á Grã.-Bretanha.—(Havas).

Pensão Beiramar
Estoril — Telef. 420
PREÇOS ESPECIAIS — Almoços a 10$00

Limpa metais
MARAVILHA

A ultima Maravilha em Limpa Metais
União Industrial de Graxas, L.da
Av. 24 de Julho, 16 — Lisboa — Telef. 21348
Rua Passos Manuel, 193 — Porto — Telef. 1870



Minerva

O aparelho da maxima captação e qualidade musical de som. Dois altos-falantes especiais, para graves e agudos, todas as ondas a partir de 11 metros.

O receptor que traz o Mundo inteiro para sua casa chegou nova remessa.

OLAVO CRUZ, L.DA
AV. DA LIBERDADE, 11-11-A

MOBILIAS
A casa J. Antunes é a primeira em apresentar as mobilias e decorações mais modernas e de gosto artistico, de fabricação perfeita, a preços economicos
VISITEM OS SEUS ARMAZENS
para apreciarem o que de melhor se fabrica em estilos modernos e antigos
D. João V, Renascença, Holandês rico, etc.
135 — RUA CONDE REDONDO — 137

PAPEIS PINTADOS, FAZENDAS E ETAMINES
ULTIMAS NOVIDADES A PREÇOS EXCEPCIONAIS
MIGUEL DOS SANTOS, LTD.
102 — RUA NOVA DO ALMADA — 104 Telef. 2 5601

CONTINUA A SER GRAVE A SITUAÇÃO INTERNACIONAL

Chegaram á Albania 3 navios italianos

Não foi assinado o tratado entre a Polonia e a Inglaterra

As potencias do eixo tomam medidas militares

Um debate na Camara dos Comuns sobre as pretensões italianas na Albania

LONDRES, 6.—Henderson preguntou, na sessão de hoje nos Comuns, a Chamberlain se tinha alguma declaração a fazer quanto á concentração de tropas e navios italianos em Bari e Durazzo e quanto a negociações em curso com a Albania.

Chamberlain respondeu:

Em 4 de abril o embaixador da Inglaterra em Roma chamou a atenção do ministro dos Estrangeiros italiano para os boatos que corriam sobre o assunto. O ministro dos Estrangeiros italiano declarou que, em 8 de março, o rei da Albania sugeriu o reforço do tratado de aliança italo-albanês. Desde essa data continuaram as negociações entre os dois governos, mas, parece que se levantaram dificuldades cuja natureza não aparece clara. Segundo o ministro dos Estrangeiros italiano, os interesses italianos teriam sido ameaçados.

«Recebi um desmentido do governo albanês a todas as informações que dizem que ele aceitou condições incompativeis com a sua soberania e integridade nacional. O ministro da Grã-Bretanha em Durazo diz-nos que até ás 8 e 25 desta manhã havia ali tranquilidade. O governo não perde de vista a evolução dos acontecimentos».

Henderson preguntou se lord Perth chamara a atenção de Roma para o facto de que qualquer modificação no «statu quo» do Mediterraneo seria contraria ao acôrdo anglo-italiano. O primeiro Ministro—que não se ouvia bem—respondeu que o governo italiano conhece os termos do acôrdo.

Um outro deputado preguntou se a Inglaterra tem interesses na Albania.

—Não tem interesses directos—respondeu Chamberlain—mas interessa-nos em geral a paz do mundo.

Varios deputados fizeram ainda preguntas, ás quais Chamberlain respondeu dizendo que ignora o significado da presença dos navios italianos em Durazo e esclarecendo que o governo britanico não está em consultas com Belgrado a respeito da questão italo-albanesa.—(Havas).

A Albania continua a desmentir que tenha aceitado o protectorado italiano

LONDRES, 6.—O «Daily Mail» noticia:

«A eventualidade dum desembarque proximo de tropas italianas provocou grande sensação na Albania. O Conselho de ministros reuniu-se para discutir a situação e a reunião prolongou-se pela noite adiante. Nos meios oficiais declara-se que foram tomadas as precauções militares adequadas.

Os italianos residentes na Albania deixaram o país em massa, seguidos pelos naturais doutras nações. A população albanesa vive numa atmosfera tensa e exprime o desejo de defender a independencia do país. O rei Zogu declarou que, em caso de necessidade, os albaneses estavam prontos a defender o seu país até ao ultimo homem».

Um outro jornal inglês informa:

«A Alemanha e a Italia planeiam tornar a Croacia e a Dalmacia independentes, sob a protecção da Italia. A Eslovenia ficaria sob a protecção alemã. A Servia ficaria constituindo um Estado pouco maior do que era antes da guerra dos Balcans».

Na legação da Albania declararam a um representante da «Press Association», que qualquer tentativa da Italia para ocupar o país encontraria resistencia. Além disso, disseram na legação, são falsas as informações de que a Albania aceitou ou aceita quaisquer condições incompativeis com a sua soberania ou integridade.

LONDRES, 6 — Chamberlain anunciou hoje na Camara dos Comuns que chegaram a Durazzo três navios italianos: um cruzador e duas outras unidades de menor tonelagem. — (Havas).

BELGRADO, 6—O conde Ciano notificou, pela vida diplomatica, o governo Yugo-Eslavo de que a Italia resolveu tomar as medidas indispensaveis para proteger os seus interesses na Albania. Este facto é interpretado como a prova de que a Italia quere estabelecer um protectorado na Albania. Nos circulos politicos de Roma diz-se que a atitude italiana se destina a fazer ver á Inglaterra e á França, que a Italia não receia qualquer bloqueio e a mostrar á Yugo-Eslavia e á Grecia que fazem mal em seguir aquelee dois paisee.—(United Press).

As negociações anglo-polacas

LONDRES, 6—Esta manhã, na Camara dos Comuns, o Primeiro ministro fez a seguinte declaração:

«A Polonia e a Grã-Bretanha estão dispostas a um compromisso permanente e mutuo que substituirá a garantia temporaria e unilateral dada pelo governo inglês ao governo polaco. Enquanto se não concluir esse acôrdo definitivo, Beck deu a garantia de que o governo polaco se considera obrigado a auxiliar o governo inglês em condições identicas ás da garantia prestada pela Inglaterra á Polonia. O acôrdo permanente, a que me referi, procura assegurar á Grã-Bretanha e á Polonia a assistencia mutua dos dois países, em caso de ameaça directa ou indirecta, contra a independencia de qualquer deles.

Certos pontos, e principalmente a definição precisa das modalidades diversas que esse auxilio poderá tomar, exigem um exame mais aprofundado, antes de se poder assinar o acôrdo permanente. Estas disposições não impedem os dois governos de concluirem acôrdos com outros países no interesse geral da consolidação da paz».—(Havas).

—o-o-o—

A Polonia e a Inglaterra

Beck assiste aos exercicios da esquadra britanica

LONDRES, 6.—Beck partiu para Portsmouth, onde visitará o porta-aviões «Ark Royal» e o cruzador «Glasgow». Almoará a bordo do «Nelson» com o almirante chefe da esquadra britanica, e assistirá a diversos exercicios.

O «Daily Telegraph» regista uma noticia que chegou ontem á noite a Londres, vinda de Berlim, a qual causou grande sensação.

Segundo diz o «Daily Telegraph», vai ser publicado um comunicado registando completo acôrdo da Polonia com a Alemanha quanto a Dantzig. Os circulos londrinos bem informados, porém, não dão credito á noticia.—(Havas).

Os alemães pensam que Beck deve regressar de Londres sem nada haver concluido

PARIS, 6.—Bertrand de Jouvenel enviou de Breslau um interessante artigo a «Le Journal», relatando a entrevista que têve com uma importante personalidade, depois da qual pode responder á pregunta: «Que fará a Alemanha em relação á Polonia?».

«O essencial—disse o entrevistado—é impedir que a linha de resistencia que se constituir espontaneamente contra nós se solidifique. E' absolutamente necessario que Beck regresse de Londres sem nada haver concluido. Será possivel? E'. Os polacos afirmam que podem deter-nos só com as suas forças. E' uma versão que os lisonjeia. E' preciso fazer-lhes crer que só eles bastam para isso e que não precisam do auxilio de ninguem.

A nossa tese em relação aos polacos é esta: «As nossos exigencias não passam dum pequeno mal-entendido! Que os polacos esqueçam a ideia duma frente anti-alemã e os alemães esquecerão os seus pedidos inoportunos. Desta maneira—tudo voltaria a estar como antes da crise. Depois—visto que a vigilancia não é o forte das democracias—surgirá outra ocasião em que se actuará com mais força e mais depressa contra a Polonia. Já apertamos as suas fronteiras por três lados. Embora cêrca de três vezes maior que a Checo-Eslovaquia, a Polonia encontra-se cercada. Presentemente, os polacos têm aliados seguros e estão orgulhosos da sua força. E' preciso fazer-lhes conhecer a angustia do isolamento e do cêrco, antes de dar o golpe».—(Havas).

Preparativos militares

As conversações entre os chefes dos exercitos alemão e italiano

ROMA, 6.—O reforço da colaboração militar italo-alemã e o comando unico para as forças armadas dos dois países, em caso de guerra, constituiram o objectivo essencial das conversações realizadas em Insbruck entre os generais Pariani e Keitel. Parece que o encontro dos chefes militares alemão e italiano deve considerar-se como uma réplica aos contratos militares franco-ingleses e ao projecto que se atribue á Inglaterra de cercar as duas potencias do eixo.

As conversações de Insbruck são consideradas como uma demonstração da solidariedade militar italo-alemã, ao mesmo tempo que um gesto destinado a apoiar a campanha da Imprensa feita tanto na Italia como na Alemanha contra a extensão a outros Estados europeus das garantias dadas pela Inglaterra á Polonia.—(Havas).

Noticias diversas

Devido á situação europeia, Roosevelt decidiu anular a licença que havia concedido ao secretario adjunto, Berle.

O Presidente assinou o acôrdo comercial entre os Estados Unidos e a Turquia.

—Os antigos nazis expulsos por indisciplina do antigo «Partido nazi chileno» organizaram um novo partido nazi, cheflado por Carlos Keller, chileno de origem alemã.

—O Conselho Federal Suiço apresentou ás Camaras um projecto destinado a reforçar a defesa nacional, para o que pede um credito extraordinario de 190 milhões de francos.

—Shakespeare, secretario parlamentar do Almirantado, afirmou que até ao fim do ano cêrca de mil navios mercantes serão armados com canhões. Quanto aos canhões anti-aereos, o seu fabrico fez progressos satisfatorios e o dos obuses segue o seu curso normal.—(Havas).

A's 17 horas

A questão albanêsa

ROMA, 6.—Ciano conferenciou com o ministro da Albania que ontem regressou de Triana, a-fim-de reassumir as suas funções.

Não ha duvida de que esta conferencia diz respeito á situação e relações entre a Italia e a Albania.—(Havas).

ROMA, 6.—Parece que estão a ser intensificados os preparativos militares italianos em Bari e Brindi.

Já regressaram á Italia os italianos que residiam na Albania.—(Havas).

Naufragaram no rio Minho

dois barcos espanhois, morrendo um homem

SEIXAS, 6. — Ontem, pelas 20 horas, naufragou um barco de pesca espanhol, da povoação fronteirça de Eiras, com dois tripulantes, morrendo um deles e salvando-se o outro. Ontem tambem naufragou uma barca de carga da Casa Cadeira, da povoação espanhola fronteiriça, não havendo desastres pessoais.

Ministro da Romenia

Na carruagem do «sud-express», atrelada ao «rapido» do Porto, seguiu esta manhã para o seu país o sr. professor Lucian Blaga, que ha um ano desempenhava o cargo de ministro da Romenia em Portugal.

PÁSCOA

O "pôrto" é cheio de alegria!
Que não falte, nestas festas, "pôrto" á sua mesa.

Arcadia Hoje, grande exito do BALLET KENTUKY e de todas as atracções internacionais. Despedida da ORQUESTRA ALMEIDA CRUZ. ♦ Amanhã, em viriude da solenidade do dia, encontra-se encerrado. ♦ Sabado, reaparição da Orquestra Portugal e o seu Pedrinho.

HORAS CERTAS
Só com um bom relogio da RELOJOARIA
AGUIA D'OURO
194 - Rua do Ouro - 194

IMPERIUM SALÃO CHÁ
LANCHES BANQUETES ALMOÇOS JANTARES
Rua S. Justa 105 - T 27527

(DOS NOSSOS ENVIADOS ESPECIAIS EM ESPANHA)

Toda a parte sul de Madrid

que olhava a Casa do Campo e o Manzanares foi implacavelmente destruida pela furia da metralha!

Rapazes e raparigas de Madrid aclamando os libertadores

MADRID, abril—(Atrasado na transmissão).—Estas imagens de guerra são atrozes. Todo o sul de Madrid que olhava a Casa de Campo e as três antenas de Carabanchel está implacavelmente destruido, palmo a palmo, predio por predio, arvore por arvore. Dir-se-ia que a terra, neste ponto, foi esfacelada por outro planeta. Um vasio grandioso de ruinas estende-se numa visão caotica e aflitiva de sismo.

Começa na praça de Espanha—um dos angulos do quadrilatero que Varela em novembro de 1936 quis conquistar. Todos os edificios da outrora risonha praça foram queimados. Ficou apenas um conjunto de estatuas consagrando a universalidade de Cervantes: «Quixote», no seu rossinante magro e descarnado, ergue a lança embanaeirada por um farrapo branco; atrás, Sancho foi ferido com uma bala numa perna. Vê-se ali um «blockaus», obuses, duas peças agora caladas e guardadas por uma sentinela, com as guelas emergindo sinistramente do solo.

Como fundo, a fachada realenga do palacio do Oriente picotada pela metralha. Madrid, porém, parece querer esquecer o pesadelo da guerra. Grupos de prisioneiros estão demolindo rapidamente os parapeitos e soterrando as trincheiras. Será um trabalho ciclopico que vai durar meses, de tal maneira o labirinto é grande.

Do quartel de La Montaña, um vasto rectangulo de tejolo, ficaram apenas as paredes desamparadas. As granadas fizeram voar as coberturas, rasgaram janelas onde as não havia, e cegaram outras, numa informe e gigantesca ruina. Como recordação, ficaram as letras de bronze do quartel e a data de 1862. Mas as palavras «de La Montaña» desapareceram.

O Passeio de Rosales, extenso miradouro do sul da cidade, e um parque do lado esquerdo, com fileiras de palacetes no direito, foi a tragica «Avenida da Morte». Os «chavales» avisam-nos: «Não pisem a relva, porque está tudo minado!».

As gargantas estreitas das trincheiras eram construidas em cimento, com ressalto fundo, para evitar que os defensores encharcassem os pés.

Cinquenta metros, se tanto, a meio do parque, ergue-se uma glorieta de marmore. Estavam ali os nacionalistas. Mas havia dez metros de horrivel «Terra de Ninguem», onde os corpos apodreceram durante dois anos, ao sol e á chuva, sem que ninguem pudesse ir buscá-los. Deles restam hoje apenas ossadas e caveiras que seria inutil interrogar, mas que o tempo branqueou com aquela funebre palidez dos alabastros das necropoles. O Passeio de Rosales parece deserto, com dunas revoltas de escombros, tapetes de vidro moido, metralha semeada a esmo, ferragens oxidadas pelo vermelho-sangue, onde se encontra tudo: um carrinho de criçana amachucado; um automovel perfurado pelas balas, como um crivo; até a couraça duma armadura arrancada duma panoplia de casa rica.

Ali, fugitivamente, é que se encontram caras do Madrid de ontem, onde o panico da guerra se estampou. Ha mulheres que passam como sombras, com os olhos ainda dilatados pelo terror, escorridas de fome e luto, mas, marchando como corvos sobre as dramaticas ruinas, parecem esconder-se da luz do dia ou levar misteriosos recados. Mas ha outras escavando no entulho, que são verdadeiras parcas da miseria, trazendo á superficie não pão cuja ansiedade lhes devora as entranhas, mas cacos de obuses, cartucheiras, velhas latas, sempre metralha da guerra!

Ha bairros abandonados em que as ruas e os predios estão num monstruoso silencio, como se a cidade tivesse ali perdido o sentido humano. Gritar seria inutil. A vida retirou-se vencida pela morte, até dos cães, até dos vermes!

Fica perto o famoso «Palacio Liria», construido por uma duquesa de Alba, cuja avó Goya pintou. Ardeu! Vêem-se na fachada nobre colunatas com um timpano onde se inscreve o mais arrogante brasão dos Grandes de Espanha. O fogo devorou algumas colecções de quadros; subiu as escadarias de marmore que já não existem, para danificar os salões dourados. E o tragico bailado das chamas não poupou sequer a biblioteca. Ficaram numa parede interior alguns azulejos mouriscos, rendilhados pelas labaredas, e nos jardins o desenho galante dos buxos no estilo Imperio e um canteirozinho de amores perfeitos que esvoaçam ao vento como borboletas

De toda a passada grandeza, resta apenas uma testemunha que tem sessenta anos de casa. Viu tudo: a razia, a destruição, o fogo. Avista-se daqui, para lá do Manzanares, a Pradera do San Isidro, que Goya pintou em verbena de trajes.

Por este trajecto funebre, ensanguentado de escombros, vamos até lá. O passeio do velho Madrid transformou-se num «passeo» tragico. O pintor da «maja», que escrevia nos seus «dibujos» quando da invasão francesa: «Esto lo vi yo», não viu tudo, não ouviu tudo.

O campo adormeceu com as suas verdes e fecundas relvas. Pisamos esta terra branda e fôfa de primavera, sem encontrar um rasto de [illegible], nem um cartucho perdido. Os [illegible] mandam—mas não falam.

A morte de Garcia Morato

MADRID, 6.—Já deve ter chegado a Melilla—sua terra natal—o corpo do heroico aviador Garcia Morato que durante a campanha abateu quarenta aparelhos, havendo duvidas quanto á sorte de mais catorze.

Era o comandante da famosa «esquadrilha azul», que na frente do Jarama lutou com sessenta inimigos—o que lhe valeu a «Laureada». E em Teruel repetiu-se a façanha!

Foi ele o iniciador do sistema da «cadena». Era patrono da escola de pilotos «Comandante de Aviação Gomez Moraton», e autor do notavel livro «Acrobacia aérea».

O cadaver fôra exposto no Circulo de Belas Artes, numa camara ardente com altar, panoplias, bandeiras, cirios. O corpo do heroi estava encerrado numa urna com tampa de cristal. Vestia o uniforme de aviador, ostentando a «Laureada». Ante ele desfilaram generais—como Muñoz Grande, que declarou ter a Espanha perdido «o seu melhor aviador»—, oficiais e civis de todas as categorias, falangistas e réquétés.

O enterro seguiu pela «Calle» Alcalá, num auto-corro que se dirigiu a Malaga, para embarcar para Marrocos.

No carro das corôas, havia uma de Franco. Os padres levavam a cruz alçada, sendo o carro funerario seguido pelo bispo de Madrid-Alcalá e por muitos oficiais, entre eles os portugueses. Prestaram a guarda de honra a «bandera» da Falange de Marrocos, réquétés, regulares, centenas de aviadores.

O ceu de Madrid cobriu-se de asas numa ultima homenagem. E os tambores rufavam surdamente, enquanto os clarins tocavam uma marcha espanhola. Tanto nas ruas como nas janelas, toda a gente estendia a mão direita.

Garcia Morato era casado com uma irmã do heroico e malogrado aviador Carlos Haya, cujo cadaver ele em vão se empenhou em resgatar.

A divisa da sua esquadrilha era «Suerte y vista al toro».

Trazia sempre consigo um cinto com quarenta e um sinais correspondentes aos aviões abatidos nessa guerra feroz que lhe poupou a vida que, num tragico paradoxo, havia de perder logo que chegou a paz...

Aspecto da entrada das primeiras tropas nacionalistas em Madrid, levando á frente muito povo

Como se rendeu Madrid

MADRID, 31. (Atrasado na transmissão)—Nós, os que entrámos em Madrid com as tropas de Franco, ignorávamos, como é natural, o que se passou aqui naquele dia.

Sabemos agora que a ofensiva desencadeada na frente de Toledo teve uma repercussão fulminante em Madrid.

Quando aqui souberam do avanço por Aranjuez—que ameaçava cortar a estrada para Cuenca, ainda livre, reuniu-se o Conselho de Defesa, predominando o criterio da rendição, mas sem que se chegasse a acôrdo.

Ao saberem que a reunião não chegara a qualquer resultado, os soldados de Madrid protestaram ostensivamente, e o batalhão que defendia a Casa de Campo iniciou a debandada, avisando os nacionalistas de que ia passar-se para as suas linhas.

Em grupos de dez, chegaram gritando:—«Arriba Espanha!».

Adiantadas as linhas avançadas, novas rendições permitiram chegar até aos bairros populares de Madrid: Bombilla, Ponte de Toledo, Vallecas, etc.

Então, os anarquistas tentaram opôr-se á rendição.

Para não «forçar», a operação foi suspensa até ao dia seguinte.

No dia 28, os falangistas decidiram-se a aparecer nas ruas de Madrid, em camionetas, que foram logo rodeadas pela multidão, desejosa de se render.

Uma delegação da Falange ocupou a presidencia do Conselho de ministros, sem resistencia, enquanto outros falangistas fôram tomar as emissoras, começando a dar a noticia da entrada das tropas.

A divisão do coronel Rios Capapé penetrou pela porta de Toledo; a do coronel Pozas pelo sector oposto; e pela ponte da Princesa as da Cidade Universitaria.

Altofalantes percorriam as ruas, emitindo hinos nacionais, e a multidão vitoriava as tropas, abraçando os soldados e admirando os uniformes dos falangistas e dos «réquétés», até agora desconhecidos em Madrid.

Nessa tarde, o coronel Rios Capapé tomava o comando da cidade, reintegrada nos seus destinos— e resolvia-se que se realizasse uma grande missa campal na «Plaza Colón».

Para completo restabelecimento da normalidade, reabriram os cafés, os teatros e os cinemas.

Os madrilenos, em plena euforia, «castiza», organizam manifestações, nas quais se incorporam mulheres com mantilhas classicas e homens com capa á espanhola.

ARTUR PORTELA e ROGERIO PEREZ

CENTRO ESPANHOL

Para comemoração do termo da guerra da Espanha, o Centro Espanhol (Casa de Espanha), realiza no proximo sabado, pelas 20 e 30, um jantar de confraternização entre a colonia espanhola aqui residente, ao qual assistem as autoridades.

tem as autoridades. Na «velada artistica» tomam parte os artistas Carmencita Aubert, Antonita Serrano, Maria Carmen, José Boggiero Encina, Frutuoso França e os guitarristas Fernando Freitas e Pais da Silva. Haverá baile até de madrugada.

O nosso azeite

Recebemos a seguinte carta:

«*Sr. director:*—Numa entrevista, a muitos títulos interessante, que veio no «Diario de Lisboa», diz a certa altura o ilustre entrevistado, ao defender a necessidade duma organização oleicola identica á de Italia:

— A' olivicultura e á economia geral da nação convem não perder uma unica das posições que tivermos conquistado.

Mais do que conveniente é indispensavel que homens de iniciativa e boa vontade, como mostra ser o sr. Maximo Gonzalez, se unam para defender uma das maiores riquesas de Portugal.

A olivicultura precisa de amparo e defesa; e, depois do governo, ninguem melhor do que o comercio exportador póde conceder-lhe uma e outra cousa.

Combáta-se, como é reclamado na entrevista, a contrafacção e procure-se, por uma organização bem estudada e bem dirigida, ou por outros meios que a exportação entenda, propagandear e expandir o melhor azeite do mundo.

E' util a nós, lavradores, e sem sombra de duvida que o é tambem á Nação. O que não está certo é a mistura dos oleos no azeite e do alumen no pão, como se está verificando constantemente.

Com sincera admiração, sou de v. etc.— *João Rodrigues* (olivicultor beirão)».

Desordem numa taberna

BELMONTE, 5. — *(Pelo telefone).* — Na noite passada entraram numa taberna, pertencente a Fernando Amarante, dois individuos, de nome José Alçada e José Luiz. Encontravam-se já ali outros individuos, David Pereira de Sousa, Antonio Rodrigues e José Padeiro.

O José Alçada, com modos bruscos, pediu dois copos com vinho, atirando ao mesmo tempo uma nota de cem escudos para o balcão e acrescentando: «aqui ha muito dinheiro!». Os presentes tomaram esta frase como uma provocação. O dono da casa e o José Luiz, prevendo o que iria acontecer, pediram ao Alçada que se retirasse. Este saiu, e, momentos depois, entrava novamente na taberna a provocar o David de Sousa, munido de uma faca e em atitude ameaçadora.

O David, recuando, dizia:

— Vê lá o que fazes... Estás doido?

Em dado momento, o David de Sousa agarrou numa pedra, para atemorizar o seu antagonista, mas, como ele continuasse a avançar, arremessou-lha á cara, partindo-lhe seis dentes.

O David correu em seguida ao posto da Guarda Republicana, comunicando o que se acabara de passar.

No caminho, o Alçada, ainda bastante ferido, saiu ao encontro do seu agressor, agredindo-o, por sua vez, a sôco.

NÃO CONFUNDIR

A UNICA BOQUILHA EFICAZ
Repr. Victor Chaskelmann & C.ª
Rua da Palma, 268—Lisboa

MALAS LUXUOSAS

As malas com boa apresentação e aspecto elegante, honram os seus proprietários. As que são forradas com «Fabrikoid, conservam a forma, resistência e aspecto atraente, mesmo quando são submetidas ao mais rigoroso serviço. Para forrar interna ou externamente malas, maletas, sacos de viagem, pastas, etc., use as várias qualidades de

DU PONT FABRIKOID
REG. U.S. PAT. OFF.

BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Aurea, 132-138—LISBOA
SORIA, LTD.
Rua Sá da Bandeira, 214-216—PORTO

VIDA MUNDANA

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Emilia de Castelo Branco Quintela, D. Maria Justina Fialho de Sousa Coutinho, D. Maria Duice Guerreiro Nuno Teixeira, D. Maria Luiza Gomes de Miranda, D. Laurinda de Melo da Silveira, D. Tereza de Vasconcelos e Sousa Botelho e Melo (Vila Real), D. Maria Luiza Rebelo da Silva, D. Maria do Pilar de Melo Aguiar e a menina Maria de Lourdes de Sousa de Almeida.

CASAMENTOS

Em Evora realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria do Pilar Alves da Cunha gentil filha do grande actor Alves da Cunha, com o sr. Alberto Cutileiro.

— Realiza-se no proximo domingo, no Porto, o casamento da sr.ª D. Adelina Abranches da Conceição e Castro, gentil filha da sr.ª D. Rosa da Conceição Barbosa e Castro e do sr. Manuel da Silva Castro, com o sr. José Fernandes, filho da sr.ª D. Maria Campelo e do sr. Alberto Fernandes.

Servirão de padrinhos, por parte da noiva, seus pais, e por parte do noivo seus tios.

—Na igreja do Patriarcado, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Alice Cortesão Pais Lima de Faria, gentil filha da sr.ª D. Maria Lobato Cortesão Pais de Faria e do sr. dr. Avelino de Faria, com o sr. Angelo Zuzarte Cortesão Casimiro, filho da sr.ª D. Judite Zuzarte Cortesão Casimiro e do sr. capitão Augusto Casimiro.

Fio celebrante monsenhor dr. Carneiro de Mesquita, amigo intimo e antigo condiscipulo do pai da noiva.

A' cerimonia, que teve um caracter muito intimo, devido a um luto recente, serviram de padrinhos, por parte da noiva, o sr. dr. Raul de Faria e D. Berta Carneiro de Magalhães de Faria, e, por parte do noivo, o major sr. Pedro de Almeida e a sr.ª D. Adozinda de Almeida.

Aos noivos foram oferecidas muitas prendas.

—Pelo sr. Jorge Costa e por sua esposa, D. Margarida Felner da Costa, foi pedida em casamento, para seu filho, o sr. Jorge Felner da Costa, quintanista da Faculdade de Ciencias Economicas e Financeiras e dirigente da «Mocidade Portuguesa», a sr.ª D. Maria Helena Moreira Rato da Fonseca, filha da sr.ª D. Irene Moreira Rato da Fonseca, já falecida, e do sr. Alvaro da Fonseca.

NASCIMENTOS

Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Adolfina Pinto Leite Pinto de Freitas, esposa do sr. Manuel de Almeida Pinto de Freitas.

Mãi e filho encontram-se, felizmente, bem.

—Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Amelia Correia Maia, esposa do sr. João José Peres Maia, funcionario superior da Casa da Moeda, e nora da sr.ª D. Alice Firmina Peres Maia e do sr. José Ferreira Maia Junior, chefe de secção da Direcção Geral de Fazenda Publica.

—Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Cristina Soares de Oliveira de Ayala Botto, esposa do nosso colega na Imprensa sr. José Duarte de Ayala Botto.

Mãi e filha encontram-se, felizmente, bem.

BOATOS...

Sgeundo nos informam, realiza-se no sabado de Pascoela, numa elegante praia, perto do Porto, um baile, organizado por uma comissão de senhoras da primeira sociedade, a que está destinado um grande exito mundano.

JANTARES ELEGANTES

Pelo sr. Antonio Moreira de Almeida e sua esposa foi oferecido um jantar no «Palacio-Hotel», do Estoril, que decorreu muito animado, e a que assistiram as seguintes pessoas:

Senhoras de Jacques Violet, de Bergé, Melo Breyner, Patrouix, G. Bianchi, de Verda e os srs. Violet, Berhé, Melo Breyner, Patrouix, G. Bianchi e Antonio Eça de Queiroz.

FESTAS ELEGANTES

Como noticiámos realiza-se nas salas do Club Tauromaquico um baile no proximo sabado de Aleluia, festas esta que devia ter-se efectuado na segunda-feira, de Carnaval, conforme todos os anos, e que foi adiada por morte de Sua Santidade o Papa Pio XI.

As inscrições validas para aquela festa consideram-se validas para a noite de sabado, devendo, portanto, resultar uma elegantissima festa.

No «Turf Club»

E' na noite de 22 do corrente mês que, nas belas salas do aristocratico «Turf Club», se realiza um baile, que está sendo aguardado com o mais justificado interesse.

NA COSTA DO SOL

As festas da Pascoa

No elegante Casino do Estoril, ponto de reunião predilecto das senhoras da nossa primeira sociedade, realizam-se as seguintes festas:

Sabado, baile dansante, no Casino, estreia da magnifica orquestra de Almeida Cruz, no Jantar á americana; domingo, de manhã, reunião no Tamariz, seguindo-se «matinée» infantil, com variedades e cinema, chá e jantar dansante, no Casino.

O Casino do Estoril marcará mais uma vez como o ponto mais concorrido e elegante.

NO PORTO

Despertou, como era de prever, o maior entusiasmo, entre as senhoras da sociedade portuense, a festa levada a efeito no Palacio de Cristal por uma comissão de senhoras.

Na comissão organizadora, em que se encontram nomes de evidencia na sociedade da capital do Norte, está bem a garantia do exito que esta festa vai ter.

Deve ser uma bela festa e a prova está já nos numerosos pedidos de bilhetes feitos pelo telefone para o n.º 4 103 (Porto).

Em breve daremos mais pormenores.

EM VIAGEM

Com sua esposa, sr.ª D. Maria Antonia de Azevedo Sepulveda de Vasconcelos, está no Porto o sr. dr. Ernesto Sepulveda de Vasconcelos.

—Chegou de Viana do Castelo o sr. Domingos Afonso de Amaral.

—Está em Lisboa, com sua esposa, sr.ª D. Maria Teresa de Andrade de Lencastre Formain, e suas filhas D. Maria Helena e D. Maria Alice, o sr. engenheiro Carlos Formain.

—Em viagem de estudo, partem no proximo dia 5 para a Europa Central e países escandinavos os srs. drs. Magalhães Barros, Mota Veiga, José Lourenço Junior, Jorge Pablo, Manuel Geraldes, Antonio Gregorio e Ernesto da Silveira.

São acompanhados pelo grande industrial sr. Fernando Capela (Silvestre).

—Partiu para Olêdo, Beira Baixa, acompanhado de sua esposa, sr.ª D. Maria da Pureza Ferreira Proença, e de sua gentil filha Maria Margarida, o sr. dr. Aurelio Proença.

— Chegou do Porto, com sua mãi, sr.ª D. Adelina de Anciães Proença de Paiva Faria Leite Brandão, o sr. D. Diogo de Paiva Proença Leite Brandão.

— Com sua esposa, sr.ª D. Maria Emilia de Anciães Proença Pereira do Vale, regressou do Porto o sr. Elisio Pereira do Vale.

—Acompanhada de sua filha D. Maria de Lourdes, partiu para Coimbra, onde vai passar a Pascoa, com seus filhos, a sr.ª D. Amelia Foutoura Barbosa Collen.

— A bordo do «Dempo» partiu para Marselha, seguindo depois para a Suiça, em viagem de recreio e visita a sua irmã D. Fernanda Alzina Santos Lima, o sr. Manuel Carlos de Sommer Alzina.

— Encontra-se no Porto, o sr. Mario Alves de Andrade.

— Regressou á sua casa em Viana do Castelo, a sr.ª D. Maria Adelaide Malheiro Reymão.

DOENTES

Foi operada com muito bom resultado a sr.ª D. Virginia Palma.

Dr. Bastos Gonçalves
Calçada da Estrela, n.º 129-r/c

Meias Finissimas
A preços baratissimos só no
Campião das Meias
Rua Serpa Pinto, 16 D (Ao Chiado)

NAVEGAÇÃO FLUVIAL

Encontra-se em construção no Seixal um barco para a Cooperativa dos Catraeiros do Porto de Lisboa, que será utilizado no transporte de passageiros entre as duas margens.

O novo barco deve estar concluido em meados de junho e terá capacidade para 450 passageiros.

RAPOSAS

Argentées e de todas as outras qualidades. O maior sortido e os melhores preços. CASA DA SIBERIA, Rua Augusta, 254, esquina de Santa Justa.

Na limpeza de: Cristais, Espelhos, Cromados, Frigorificos, Banheiros, etc.

Nunca Arranhou!...

Bon Ami

Como se «liquida»

a herança dum paroco

SEIXAS DO MINHO, 1. — No tribunal judicial da comarca de Caminha deram entrada ha tempos requerimentos de desistencia duma herança deixada pelo falecido paroco desta povoação, rev. padre José Joaquim Casais. Numa epoca em que há gente que anda á caça de heranças, o facto reveste-se de excepcional interêsse.

O caso passou-se assim:

O rev. padre Casais, paroquiou esta freguesia cêrca de 35 anos, e durante esse tempo levou uma vida de rigorosa economia. Era voz corrente que possuía «muito dinheiro», visto que não tinha parentes a quem sustentar. As propriedades que deixou, tinham-lhe sido legadas por parentes, e parece que não adquiriu mais nenhuma, a não ser uma reforma que fez na sua residencia.

Era, pois, de supôr, na opinião dos que conheciam o viver do referido paroco, que o espolio fôsse de maior vulto.

Um dos herdeiros, uma afilhada, a quem legou a sua casa «com tudo que nela se encontrasse», estava onerada com encargos de 14 contos, sem valer isso, porém.

Evidentemente—diz-se por aqui—o espolio era muito maior. Dá-se pela falta de objectos de relativo valôr, e outros que lhe pertenciam estão na posse de varias pessoas que dizem terem-nos recebido, em vida daquele paroco, como oferta.

Houve sonegação de espolio?

O facto é que os herdeiros, não querendo comprometer ainda mais o valôr da herança, preferiram desistir a recorrer a investigações policiais, sempre onerosas.

Ha ainda circunstancias que mais fazem suspeitar, como sejam o facto de não aparecer qualquer moeda corrente e a existencia de grande numero de dividas, acrescidas com as despesas do funeral.

Ha pouco tempo, o tribunal das Execuções Fiscais mandou leiloar varios moveis, entre outros, um aparelho receptor de «radio», para pagamento de contribuição do imposto de transmissão, em relaxe, da herança legada áquele paroco pela madrinha, falecida na freguesia de Lanhelas.

Agora os gatunos assaltaram a residencia do falecido paroco e levaram milho e batatas.

Assim vai sendo «liquidado» o espolio do reverendo paroco de Seixas do Minho.

AVEIRO E OVAR

Comboio especial em 9 de Abril

Para a Feira de Aveiro e Festas da Pascoa

Preços especiais de ida e volta em 2.ª e 3.ª classe. Partida de Lisboa ás 2,10 e de Ovar ás 21,20.

Tambem se vendem Bilhetes para regresso em qualquer dia e por qualquer comboio ate ao dia 23 para Aveiro e 25 para Ovar. Bilhetes á venda: Calçada do Carmo, 49. Informações: Telefone 2 1062.

Malinhas para Senhora

A CASA DA SIBERIA apresenta os mais originais e recentes modelos. Preços limitados. Rua Augusta, 254, esquina de Santa Justa.

União Electrica Portuguesa

S. A. R. L.

PORTO

PAGAMENTO DE DIVIDENDO

Avisam-se os senhores Accionistas de que está em pagamento, a partir de 10 de Abril p. f.º, na sede do Banco Pinto & Sotto Mayor, em Lisboa, e na sua Filial do Porto, em todos os dias uteis excepto aos sabados, um dividendo complementar de 5 0|0 cativo de impostos, relativo ao exercicio de 1938. Esse dividendo é de:

Esc. 4$45 por cada acção nominativa e
Esc. 4$23 por cada acção ao portador.

Porto, 28 de Março de 1939.

A DIRECÇÃO

CALVOS!...

Dão-se 10 contos ao que prove que a loção perfumada Bolbo capilar não da cabelo ás vossas calvas,

Suspende imediatamente a queda do cabelo, cura radical da caspa. Da brilho e fixa, dispensa brilhantina.

Se pinta o cabelo aplique em seguida o Bolbo capilar que torna nulo o efeito nocivo do nitrato de prata.

A' venda na Sociedade Industrial Farmaceutica, Rossio, 31-33. Em todas as drogarias da Baixa e nas boas farmacias. Deposito Avenida Rovisco Pais, 14-A. T. 46526.

Vida artistica

Exposição Maria Keil Amaral

A nova galeria de arte Larbom, que se inaugurou na rua Augusta, 240, 1.º, proporcionou-nos uma interessante revelação artistica: a pintora Maria Keil Amaral, que ali expõe, pela primeira vez, em publico os seus trabalhos. E' preciso dizer que raras vezes um artista se dispõe ao primeiro contacto com a multidão com tal noção de equilíbrio e segurança, como o fez agora esta jovem pintora. Maria Keil Amaral apresenta, com efeito, uma serie encantadora de trabalhos, em que pode, evidentemente, estabelecer-se uma escala de valor artistico, mas em que não ha uma nota que desfaça a primeira impressão de franco agrado que colhe o visitante logo de entrada.

No seu conjunto admiravel, os trabalhos expostos revelam um extraordinario temperamento artistico. A doce simplicidade de processos surge como consequencia natural duma personalidade fortemente espiritualizada pela compreensão humana dos assuntos que foca.

Maria Keil Amaral apresenta-nos, sobretudo, pintura a oleo. Entre os seus quadros, de concepção feliz e sincera, figuram algumas composições de sentido mais ou menos decorativo, como, por exemplo, o estudo que no catalogo tem o n.º 2. Mas aquilo em que a artista se manifesta mais segura é sem duvida na figura.

Os seus retratos, além da semelhança flagrante, constituem uma excelente interpretação psicologica do modelo. Está neste caso o retrato marcado com o n.º 16, que consideramos uma das melhores obras expostas. Outro quadro merece uma referencia especial: «Menina sentada», em que a autora pôs a marca da sua profunda sensibilidade.

No desenho tambem Maria Keil Amaral se apresenta cheia de interesse.

Alguns retratos mostram firmeza no traço e as suas «cartas de jogar» são uma bela prova do seu extraordinario bom gosto.

Neste aspecto ha que fazer ainda uma citação, para a qual vai o nosso entusiasmo: dois frisos maravilhosos com ilustrações para um conto infantil. Frescura e harmonia de côres, suavidade de desenho, riquesa de engenho tais são as qualidades que a autora soube condensar neste trabalho encantador, em que pôs, por certo, tambem algum carinho. Bastaria esta pequena colecção de desenhos colonidos para afirmar o talento da artista, que está, aliás, bem vincado nesta esplendida colecção de obras que escolheu para a sua primeira apresentação em publico.

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 7.—Sexta-feira Santa.

Adoração da Cruz, missa solene Paixão, procissão: S. Domingos, ás 9, sermão pelo sr. conego Francisco Governo; ás 15 e 30, procissão do Enterro; e ás 17, oficios e sermão pelo rev. Damasceno Fiadeiro. Arroios, ás 10, e ás 21, sermão, pelo rev. conego Martins Pontes. Lumiar, ás 11 e 30, e ás 18, via sacra. Socorro, ás 9. Mercês, sermão pelo rev. Mauricio dos Santos, e ás 17, procissão do Enterro, orando o sr. Moreira das Neves, N. S. de Fatima, ás 10, e ás 21, via sacra e sermão pelo rev. Santa Canastreiro. S. Paulo, ás 9. S. José, sermão pelo rev. Pinheiro Marques, ás 10; e ás 20, oficios por instrumental e sermão pelo rev. Gonçalves de Carvalho. Pena, ás 15, via sacra. Encarnação, ás 9 e 30, sermão pelo rev. Castelo Branco; ás 15 e 30, via sacra; ás 17, oficios; ás 18 e 30, sermão pelo reverendo Castelo Branco e visita ao Calvario. Corpo Santo, ás 9 e ás 15, via sacra; e ás 19, oficios e sermão. Vitoria, ás 20 e 30, via sacra. S. Miguel, ás 7; ás 15, via sacra e sermão. S. Luiz, ás 9; ás 17 e 30, sermão. Bonfica, ás 8 e 30, sermão pelo rev. Xavier da Silva; ás 19, oficios e sermão pelo rev. Miguel de Oliveira. Penha de França, ás 10; e ás 21, via sacra. Coração de Jesus, ás 12, sermão pelo rev. Moreira das Neves; ás 21, oficios e sermão pelo rev. Moreira das Neves. Conceição Nova, ás 12; e ás 20 e 30, via sacra. S. Tiago, ás 15, via sacra. S. Francisco, a Jesus, ás 8 e 30; e ás 18, via sacra. Santa Catarina, ás 12, sermão pelo rev. Gomes de Miranda. Sacramento, ás 10; ás 15, sermão pelo rev. Gonçalves de Carvalho; ás 19, via sacra e sermão. Estrela, ás 11, sermão, pelo rev. Damasceno Fiadeiro; e ás 17, sermão. Ajuda, ás 15, exposição do Calvario e sermão, pelo rev. Fino Beja. S. Sebastião da Pedreira, ás 9; e sermão; ás 18, via sacra e sermão. S. Nicolau, das 15 ás 16, Hora Santa, orando o rev. Ferreira Governo. Anjos, ás 9, sermão pelo rev. Martins Pontes. Santo Antonio da Sé, ás 8 e 30; e ás 19, via sacra. Santo Condestavel, ás 9 e 30, sermão; ás 17, procissão do Enterro; ás 19 e 30, via sacra e sermão. Capela das Dores em Belem, ás 11; e ás 20, sermão. Bom Sucesso, ás 8 e 30, e de tarde, oficios. Carmo, ás 8 e 30 e ás 19, oficios e sermão. S. Mamede, ás 10; e ás 15, sermão, e ás 21, via sacra e sermão, Capela da Boa Morte, ás 10; ás 17, oficios e ás 20, via sacra.

MUSICA

Despedida de Joseph Bonnet

O insigne organista francês Joseph Bonnet, que o Instituto Francês em Lisboa trouxe até nós, ainda deu um pequeno recital de orgão na igreja de S. Luiz dos Franceses, na tarde de domingo de Ramos, com a honrosa presença de madame Carmona, do sr. ministro da França e de madame Amé Leroy.

Ha poucos anos, estes concertos de feição que é indispensavel conhecer não poderiam ter tido lugar, pois existia apenas para o concertista este orgão da igreja de S. Luiz, que, embora cumpra dignamente com os seus encargos para acompanhar os serviços de culto no pequeno templo, não pretende ser um instrumento de envergadura. Mas o que teria sido uma apresentação demasiadamente incompleta transformou-se, pelo contrario, num complemento de apresentação. A criteriosa cultura artistica de Joseph Bonnet revelou-se mais uma vez, com o mesmo tacto e o mesmo encanto já manifestados no Conservatorio e na igreja de Nossa Senhora de Fatima. Uma grande parte do programa era ocupada pela deliciosa «Suite du 1.er ton», de L. N. Clérembault, organista e compositor nascido poucos anos depois de Couperin «o Grande», elegante com equilibrio, como todos os antigos organistas franceses, um pouco galante, mesmo, e comprazendo-se nos contrastes de timbres individuais do orgão, conforme a tradição, mas com um interesse sempre novo para os nossos ouvidos saturados do absorvente seculo XI. Os sete trechos dessa «Suite», graças á impecavel musicalidade do concertista, transfigurou o lugar, e pareceu encher de jubilo o instrumento de fabricação francesa, pequeno, sem duvida, mas que sempre tem dois teclados, pedaleira e alguns timbres bonitos.

Algumas outras peças adequadas ás circunstancias e ao instrumnento completaram o recital, entre elas mais composições de Joseph Bonnet, «Consolation», «Romance sans paroles», «Caprice Héroique», que não se afastam, como qualidade de emoção e de estilo, das indicações contidas nos titulos, mas dignas da justa fama do organista como correcção de realização.

Evolução da musica de piano

Para terminar a serie de concertos subordinados á historia da evolução da musica de piano, segundo as notas explicativas coligidas pelo Mestre Viana da Mota, e os seus comentarios pessoais, baseados na sua vasta cultura e na modalidade do seu temperamento, a Emissora Nacional apresenta a publico no S. Luiz, de briosas tradições artisticas, três concertos de piano com orquestra, dirigidos por Pedro de Freitas Branco, dos quais acabamos de ouvir o primeiro.

Claro, estes programas não se cingem rigorosamente á cronologia, o que se entende bem, desde que não são estritamente destinados a um publico de estudantes de musica. Obedecem antes de mais nada ao criterio de fazerem um bom programa; e assim se explica que neste primeiro concerto complementar ouvimos o Concerto de Bach para três cravos, (na ocorrencia três pianos), e orquestra, o 2.º Concerto de Liszt, e dois Concertos de autores vivos,—um jovem francês, Jean Françaix, e um mestre alemão já idoso, Hans Pfitzner. Colaboravam com a orquestra Luiz Costa, D. Helena Moreira de Sá e Costa, e D. Leonilda Moreira de Sá e Costa, saudados pelo publico com respeito e admiração.

O Concerto para três pianos, onde o genio unico de J. S. Bach se expande numa alegria e uma força sobria que consola e conforta, teve nos três solistas uma colaboração não menos consoladora, pelo estilo, a correcção tecnica, e a unidade. Nos dois primeiros andamentos, as combinações dos três instrumentos solistas, em conjunto ou em dialogo, são de um interesse ameno; mas no terceiro andamento, a competição entre eles é da mais graciosa intenção.

O Concerto de Liszt como valor intrinseco de musica não se mantem á mesma altura constante de Bach, mas é uma obra tentadora para os grandes pianistas, ou não fosse de uma das boas construções de Liszt, e não fosse Liszt um prodigioso *virtuose* e um temperamento de rasgada generosidade. Na interpretação, magnifica, sem escolhos nem deficiencias, Luiz Costa inclinou-se mais para a sensibilidade delicada e poetica do que para os paroxismos do arrebatamento.

Jean Françaix e Hans Pfitzner tiveram em Helena Moreira de Sá e Costa a mais prestigiosa colaboração. Os progressos desta jovem e talentosa artista são prova de uma força moral e artistica privilegiada. O Concerto em miniatura de Françaix vale por qualidades talvez um pouco superficiais, mas tão atraentes e realizadas num modernismo discreto de gosto tão seguro que o sucesso está assegurado ao seu autor. O Concerto de Pfitzner é uma obra massiça, tradicional na sua imponente construção, de tecnica exigente, da qual Helena Costa triunfou como uma «virtuose» consumada.

Pedro de Freitas Branco não precisa de referencias pormenorizadas. A sua compreensão prodigiosa foi secundada com brilho pela orquestra, e todo o concerto foi preparado com cuidado e carinho. Em resumo, foi uma grande noite para os interpretes nacionais.

Sociedade N. de Musica de Camara

No Salão do Sindicato N. dos Musicos, realizou a Sociedade Nacional de Musica de Camara mais um concerto, preenchido pela jovem cantora D. Lucia Cruz Rodrigues, acompanhada pelo sr. Tomás Firmino, e pela conhecida pianista D. Maria José Borges de Carvalho, com trechos variados de autores consagrados.

Fauré, um Nocturno, Ravel, os maravilhosos «Jeux d'eau», Turina, as 3 Danças Fantasticas, fôram tocadas por Maria José Borges com uma tecnica que já conheciamos e apreciavamos, especialmente adequada ás sonoridades cheias e aos desenhos de traço vincado. Ouvimos-lhe tambem uma «Sonata em dó menor», de Mozart, com as mesmas modalidades que, em principio, parecem estar em harmonia com a paixão veemente e consequente dramatização de que é susceptivel Mozart; mas ha ao mesmo tempo uma questão de estilo que é preciso observar.

Lucia Cruz Rodrigues tem uma bonita voz, que se dedica a Scarlatti, a Massenet, a Mozart e Mendelssohn com o mesmo entusiasmo. O tempo lhe permitirá ver qual o melhor partido a tirar dos seus recursos.

FRANCINE BENOIT

A notavel pianista Poldi Mildner vem dar um concerto a Lisboa

O Circulo de Cultura Musical tem agora, depois da série brilhante de concertos já realizados nesta temporada, a oportunidade de apresentar uma das mais interessantes e aplaudidas pianistas da actualidade: a famosa Poldi Mildner.

Poldi Mildner é hoje considerada como um real talento e um assombroso temperamento. Dizem os criticos americanos que ela subjuga e electriza o auditorio, como sucede aos grandes «virtuoses».

O concerto de Poldi Mildner, o oitavo deste ano do Circulo de Cultura Musical, realiza-se na noite de 12 do corrente, no teatro Politeama.

Publicações

«Jornal do Contribuinte»

No ultimo numero do «Jornal do Contribuinte», que, sob a direcção do sr. Jaime Ribeiro, se publica nos dias 5, 15 e 25 de cada mês, iniciou-se uma interessante serie de artigos sôbre a Direcção Geral de Contribuições e Impostos.

Caramelos «CONFIANÇA»

Os unicos nacionais. Um produto da Fabrica de Bolachas e Biscoitos «Confiança». Peçam esta especialidade. A' venda em toda a parte. Quilo 28$00.

A CASA DE ITALIA

distribue donativos

O «comité» executivo do baile da Casa de Italia, presidido pela esposa do sr. ministro de Italia, dispôs que, das receitas do baile, 5.000$00 sejam entregues ao hospital de infancia «Maria Pia», do Porto; 3.000$00 ao Asilo «Maria Pia», de Lisboa; 1.000$00 ás Oficinas de S. José; 1.000$00 ao Albergue da Mendicidade da Polícia de Segurança Publica (Mitra).

A' senhora de Carmona, foram tambem entregues 5 contos para as suas obras de caridade. Toda a receita do baile—15 contos—já foi, pois, distribuida.

TRANSPORTES COSTA RAMOS

Domicilio a Domicilio

Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o país. Carros especiais para mobilias.

PORTO — R. Guerra Junqueiro, 7 — Telef. 15061-15062

LISBOA — R. S. Julião, 34, 36 — Telef. 27200

A' margem da semana

A morte de Cristo

Num artigo de fundo do jornal Novidades, *intitulado* Ha quantos anos morreu Jesus?, *chega-se á conclusão de que faz precisamente este ano de 1939, no dia 7 de abril, sexta-feira Santa, 1909 anos que Jesus Cristo morreu crucificado.*

Os Evangelhos não indicam o ano da morte de Jesus, nem o do seu nascimento, mas sabe-se que morreu entre o ano 28 e 33 da nossa era, durante o imperio de Tiberio, Cesar Romano, e quando Poncio Pilatos governava a Judeia. Pelos Evangelhos, sabe-se que essa morte se deu em 15 do mês de Nisan, pelo calendario hebraico, numa sexta-feira. Ora, consultando o calendario hebraico, vê-se que foi no ano 30 da nossa era que o 15 Nisan caiu numa sexta-feira.

Dai se conclue que é este ano que, pela data—visto que a Pascoa é mudavel,—comemoramos a Paixão e Morte de Cristo com exactidão, e que foi no ano 30 que se deu esse facto doloroso e redentor, que ainda hoje suscita virtudes, sacrificios, dedicações sobrehumanas, conseguindo que a pobre criatura mortal se eleve acima das suas fraquezas.

Conclue-se tambem que apurando-se dever marcar-se a tragedia do Calvario no ano 30, Cristo morreu com 30 anos, se bem contarmos a nossa era, ou então, se de facto morreu com 33, anda a nossa contagem errada, o que é facil, visto os Evangelhos não indicarem a data precisa do nascimento do Messias.

O que interessa, porém, nas observações apontadas, que colhi no artigo a que me refiro, é ser nêste ano de 1939, ano em que tantas ameaças pairam sôbre as cabeças do pobre verme da terra, tão pequeno, como disse Camões, e que ás vezes se enamora das estrelas, como disse outro grande poeta,—é ser nêste ano da graça, que podemos celebrar com exactidão o aniversario da morte do Homem-Deus.

Roguemos-lhe que o Sacrificio Divino mais uma vez resgate a Humanidade sofredora.

MARIA DE CARVALHO

Na serra da Ouvida

apareceu um cadaver

OASTRO DAIRE, 4. (Pelo telefone)—Apareceu morto esta madrugada, na serra da Ouvida, perto da povoação de Colo do Rio, Jorge Crisostomo da Silva, industrial, de 38 anos.

O infeliz, tinha ido á povoação dos Monteiros, em serviço, mas perdeu-se na serra, devido ao nevoeiro.

O facto foi comunicado ás autoridades. Parece não haver crime.

Conferencia internacional

contra a tuberculose

Realiza-se em Berlim de 16 a 20 de setembro proximo, a XI conferencia internacional contra a tuberculose na qual tomará parte uma delegação portuguesa.

CASINO ESTORIL

Amanhã encontra-se encerrado o Casino Estoril, devido á solenidade do dia.

LEIA O

sempre **fixe**

O Director Geral da Companhia
(a) *A. de Lima Henriques*

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Comissão Especial do Fundo de Assistencia

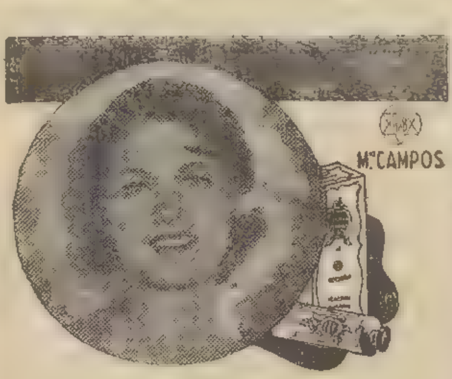
CONCURSO PARA ENFERMEIRA

Perante esta Comissão está aberto, até o dia 15 do mês corrente, concurso documental para preenchimento do lugar de enfermeira visitadora do Dispensario anti-tuberculoso deste Companhia, no Entroncamento.

As condições do concurso estão patentes na Secretaria da Comissão Especial do Fundo de Assistencia — Calçada do Duque, 20 — em todos os dias uteis, das 10 1/2 ás 13 e das 14 ás 17 1/2 horas.

Lisboa, 4 de Abril de 1939.

O Vice-Presidente da Comissão Especial,
Carlos Lopes de Almeida



PASTA DE AMENDOAS RAINHA DA HUNGRIA

Laboriosas experiências deram a êste produto a finura e pureza, o aroma e as benéficas qualidades que tornaram esta PASTA o preparado indispensável para as pessoas de pele sensível, sêca e delicada. Substituindo com vantagem os melhores sabonetes, a sua esguma finíssima preserva a pele do cieiro, manchas, sardas e irritações. Refresca, branqueia e assetina, dando à epiderme uma transparência e um aveludado que a fez impor-se na série dos produtos RAINHA DA HUNGRIA, pela excelência dos seus resultados.

SALÕES DE ESTÉTICA E DE TRATAMENTOS DE BELEZA POR PROCESSOS CIENTÍFICOS

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

TELEF. 21866—AV. DA LIBERDADE, 35—LISBOA

Os nossos produtos encontram-se à venda nas boas casas ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º

Medic. coração, pulmões—Dr. A. Narciso, 5 h.
Cirurgia. Operações—Dr. Bernardo Vilar, 5 h
Rins, v. urinarias—Dr. M. Magalhães, 12 h.
Pele e Sifilis—Dr. Correia Figueiredo, 6 h.
Doenç. nerv. electroterapia—Dr. R. Loff, 3 h
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos, 2 h.
Garg. nariz, ouv.—Dr. F. Calheiros, 3 e 30. h.
Estomago e intestinos—Dr. Mendes Belo, 4 h.
Doenç, das crianças—Dr. Silva Nunes, 5 e 30.
Doenças sr.as operações—Dr. O. Afonso, 2 h.
Boca, dentes, protese—Dr. A. Lima, 12 h.
Raios X—Dr. Aleu Saldanha, 6 h.

ANALISES CLINICAS

TELEFONE 2 6519

PENSÃO ASTÓRIA

Rua Braamcamp, 10

Instalações modernas

Magnifico serviço de mesa

Diarias desde 18$00—Telef. 4 4800

Cafés puros,

sem qualquer mistura,

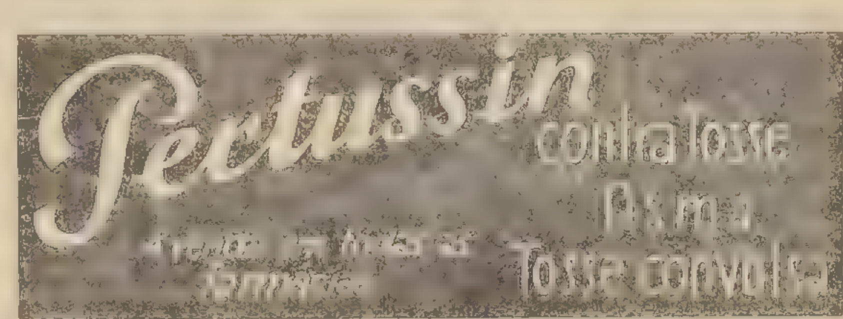
MOIDOS A VISTA DO CLIENTE.
TODAS AS QUALIDADES DAS NOSSAS COLONIAS E BRASIL.
PREÇOS DESDE 7$00 POR QUILO.
SECÇÃO ESPECIAL DOS ESTABELECIMENTOS
JERONIMO MARTINS & F.º
RUA GARRETT, 13 A 23 — LISBOA

Pensão ROQUE

Tel. 2 2613 — Rua dos Sapateiros, 173, 1.º, D.

Optimo serviço mesa; aceita comensais; diarias desde 16$00; refeições na sala e domicilio, 5$50.

A' venda em todos os bons estabelecimentos e na Filial, rua do Alecrim, 117. Tel. 2 2..6. Entrega aos domicilios.



VASELINAS

LIQUIDAS E FILANTES

Sonap

AS MELHORES QUALIDADES AOS MELHORES PREÇOS

SOC. NACIONAL DE PETROLEOS

R. TERREIRO TRIGO, 52 **LISBOA** — R. 31 JANEIRO, 45 **PORTO**

PORTO DE LISBOA

Concurso para marcadores de 2.ª classe

AVISO

O concurso para marcadores de 2.ª classe, conforme a lista dos candidatos e rectificação publicadas nos «Diarios do Governo» n.os 64 e 72, 2.ª serie, respectivamente de 18 e 28 de Março findo, efectua-se no dia 13 do corrente mês, ás 15 horas, na sala do Gimnasio do Liceu Camões, Praça José Fontana, (ao Matadouro), devendo os concorrentes apresentar-se meia hora antes, munidos do respectivo bilhete de identidade e de caneta, tinta, lápis e borracha,

Lisboa, 4 de Abril de 1939.

OCULISTA

Grande variedade de oculos de todas as qualidades
As mais recentes novidades.
Lentes de imagens ponctuaes Orthal, Stigmal, etc.
Lentes de duplo fóco, para visão aproximada e distancia
Execução rapida de receituario medico da especialidade,

Direcção tecnica por portugueses competentes com as melhores referencias de distintos oftalmologistas.

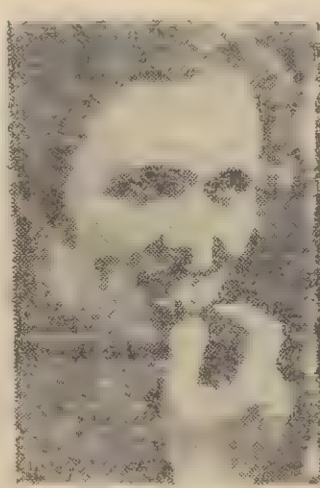
Adopho F. Lima Ld.a
P. Restauradores, 72

Atum em Azeite ?!

PURO DE OLIVEIRA

Só TENORIO...

Recomendavel tambem aos debilitados

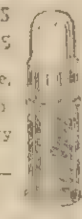


Michel

PODE-SE ATÉ COMER!

[illegible]

SETE CÔRES ENCANTADORAS



Blonde, Capucine, Scarlet, Vivid, Ras[illegible] [illegible], Brune, Cherry

[illegible], De Luxo — [illegible]

[illegible] o Pó de Arroz e o Rouge Michel de [illegible] chel, que não arde e é [illegible]rável à hum[illegible]

OFERTA ESPECIAL

dos distribuidores:

JAMES CASSELS & C.a SUCRS
R. Mousinho da Silveira, [illegible]
[illegible], Pôrto

Junto 3$00, ou, querem [illegible] à cobrança [illegible] de experiencia na

côr ....
NOME ....
MORADA ....

MATINÉE

FINISSIMO TABACO TURCO

Pecam em todas as [illegible]

20 cigarros 5$

CASA HAVANEZA [illegible]

Escola Luiz de Camões

LARGO DO INTENDENTE, 35

CURSO GERAL DOS LICEUS e Instrução Primaria. Curso nocturno para adultos e empregados

POR 5$00

[illegible] podem adquirir **Relogios de todas as marcas**, joias e objectos em [illegible] no sistema de Vendas a Prestações **com Bonus em todas as lotarias, prazo de pagamento 30 semanas,** podendo [illegible] a primeira prestação **sómente por 5$00. F. de Sousa Torroais** Rua de S. Paulo 166 Telef. 26508

PARTEIRA

ESPECIALIZADA

R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607

Partos, tratamentos. Consultas gratis

BASILISA PEDROSA

Ouro, Prata, Joias e Relogios

A PRESTAÇÕES

com «Bonus» e sem «Bonus»

Compra-se ouro e prata, Ourivesaria Santos Catita, Ld.ª Rua Eugenio dos Santos, 44. Telefone 2 1428.

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

DO DIARIO DE JOSE' MARIA

UMA "ANGINA" COM FEBRE

Estive quatro dias de cama, com uma angina. E' uma coisa que incomoda, dá uma febre alta, a correspondente prostração e dores de cabeça. A Angelica põe-lhe o nome no plural e diz que eu tive «anginas». «O sr. professor está com «anginas». Já meteu o *tremó*, e tem trinta e oito e meio» — informava ela á vizinha do primeiro andar. Eu, a-pesar-de muito massado, não podia deixar de sorrir. Onde diabo meteria eu o *tremó*—que é um movel antigo, enorme, que atravanca uma parede do meu quarto!

Pois estive quatro dias de *môlho*—como costuma dizer-se. Não chamei o medico. Já conheço a maleita, a que sou atreito. Tomei uns comprimidos contra a febre e as dôres de cabeça e besuntei as guelas com uma droga azul que me receitou o dr. Torres. A Angelica é que me dava as *zaragatoas*, fazendo-me chorar e provocando-me vomitos. Bem haja ela pela sua brutalidade que me curou mais depressa! Uma tarde quando ela me foi levar um copo de leite, que eu engulia a custo, ainda encontrei bonhomia para lhe rouquejar, sorrindo:

—Angelica, fique você sabendo que não há nada pior para a saude do que a doença.

E ela que tem pelas minhas opiniões um grande respeito, concordou logo, efusivamente:

—Olhe que diz vocemecê muito bem. Não há nada pior!

Efectivamente é muito desagradavel estar doente—mesmo que seja com uma *macacôa* ligeira. Ainda na ordem do meu conceito filosofico que provocou a admiração da Angelica, o certo é, que, uma coisa sem importancia como esta—a garganta vermelha, uns pontos brancos, um bocado de febre—dá-nos bem a medida da pobre, da insignificante coisa que nós somos. Como uma simples pieguice nos abate, nos transforma num farrapo que não pode levantar a cabeça do travesseiro, que está para ali inerme, prostrado, incapaz de qualquer reacção! Que porcaria que é toda esta orgulhosa maquina, a que nós não damos atenção, quando ela funciona normalmente, e do que basta um ligeiro desarranjo, para nos pôr face a face com a nossa insignificancia! E, durante estes quatro dias, como não podia ler, porque me doía a cabeça e me doíam os olhos, eu pensava disparates, já se deixa ver, mediocres como eu. Pensava, por exemplo, o que seria um dêsses homens formidaveis, que enchem o mundo com as suas personalidades, que trazem a Europa em sobressalto, que, com as suas palavras e os seus actos, decidem da paz ou da guerra, da vida e da fazenda de milhões de homens, o que seria qualquer dessas tremendas pessoas, que mandam, governam, dominam o indistincto rebanho humano a que eu pertenço—com trinta e nove graus de febre! Em primeiro lugar, na tonteria que dá a febre, eu punha-me a pensar se a escala das temperaturas seria a mesma para esses homens do que para mim.

Se eu, José Maria, tinha trinta e nove, um desses figurões de que nos fala constantemente a T. S. F. devia ter pelo menos trezentos e noventa. E de que tamanho teria de ser o *tremó* para medir uma temperatura dessas! Fechava os olhos e sorria do disparate caricatural que a febre criava. Via a bocarra enorme dum desses grandes condutores de homens que eu tenho visto escancarada nos *ecrans* dos cinemas, mostrando-me as profundidades da garganta vermelha, onde divisava os mesmos pontos brancos que me afligiam e, ao lado dele, a Angelica fardada, de capacete, com um enorme *piassaba* pingando um liquido azul, a dar-lhe a *zaragatôa*.

Via-o esbugalhar os olhos como eu fazia, reprimir um vomito, com uma careta muito feia e eu resmungava:

—Bem feito! Não és mais que eu. Tambem tens «anginas»!

E punha-me a repetir a palavra anginas, nas varias linguas desses sujeitos, inventando a tradução:

Angini, anginini, die anginen.

Quando a febre, á força de comprimidos, baixava, estas imagens desapareciam, e eu ficava triste, de olhos abertos, olhando os vidros da janela. A luz durante o dia muda por insensiveis gradações. E eu punha-me a pensar na vida, que eu não via, e ia correndo na rua, como nos outros dias em que eu estou de pé, e vou ás minhas obrigações, misturo-me com as outras pessoas. Agora passava um automovel—e depois fazia-se um silencio muito grande. Que horas seriam? Afinal, eu já sou muito velho. Tenho passado muitos dias iguais, assim de cama, como agora, isolado da vida que continua sem mim—dos dias que começam sem mim, duram sem mim, acabam sem mim. E lembravam-me as doenças antigas, pequenas doenças de dois, quatro dias. Era a mesma luz, através dos vidros, nascendo, muito clara, muito pura, entrando pelas frinchas das *portas de dentro*, logo de manhã, quando a lamparina da noite começa a espirrar por falta de azeite, mantendo-se mais forte durante umas horas e depois esmorecendo, acabando, morrendo—trazendo-me ao coração uma infinita tristeza e o medo da noite, quando se sofre.

Eu tinha a certeza de que não ia morrer, que dentro de dois, três dias, voltava á minha vida normal. E pensava:

—Mas quando fôr a serio, quando fôr *de verdade?* Será muito diferente? Sim, porque se não fôr dum desastre em plena rua, ha de ser aproximadamente assim—num quarto, numa cama, vendo por uma janela a luz que nasce, mantem-se umas horas e acaba—pela ultima vez. Então, se dessa vez, o sofrimento fôr correspondente á gravidade do desenlace, eu devo sofrer muito. Deve custar-me muito. E daí talvez não... Ha quem acabe quasi sem sofrer, fisicamente. Mas a certeza, que é possivel que eu tenha—que eu sei que se tem—de que não volto mais a sair dali, de que a Vida não precisa nada de mim para continuar—como a receberei eu? Com resignação, com terror, com pena? Por que será que uma ultima lagrima rola pela face dos que agonizam? E pensava que pode haver, pode sentir-se o momento supremo de absoluto isolamento, em que já se não vê, nem se ouve e em que se está só, inteiramente só, diante da incognita temivel que se não pode encarar de olhos abertos—e por isso se fecham.

Para me livrar da obsessão dolorosa, abria os olhos, reagia, punha-me a olhar em torno.

Mas a obsessão continuava. E agora eram farrapos de preocupações metafisicas que a febre alimentava. O problema eterno—em que eu não penso normalmente—, o velho «ser ou não ser, sonhar talvez»—do «Hamlet».

E, resmungava, defendendo-me, desdenhoso:

—Afinal, todas estas metafisicas, deram um problema de teatro... Uma pregunta com resposta paga, feita por um marmanjão de capa preta e com uma espada á cinta, para dar o arrepio da morte, ás plateias de alarves.

Mas depressa me arrependia do meu desdem e reconhecia que o caso é o mais serio de todos os casos. Não tem solução. Cada um dá-lhe a que quere—mas nem por isso deixa de se pôr p'ra toda a gente. E fazia, a mim mesmo, esta pregunta: José Maria, a-final és pela imortalidade ou contra? Crês em Deus ou não?

Quando chegava a esta altura é que a febre ia alta...

Ora foi num momento desses que eu atentei nos desenhos do papel do meu quarto. E' um papel barato, com uns arabescos a côres. Fui eu que o colei, ajudado pela Angelica, com um escadote, uma *broxa* encharcada em cola de farinha e uma mesa para estender as *peças*.

Sucede que o papel tem os tais arabescos que formam desenhos regulares, perfeitamente definidos, vistos de certa maneira. Mas sucede tambem que, vistos doutra maneira, os desenhos não são os mesmos—são completamente diferentes. E eu via: a cabeça dum velho de barbas, uma cara a fumar cachimbo, uma arvore.

E dei-me a pensar que o Universo, a Vida, a Morte, todos os problemas eternos, são como o papel do meu quarto. Vistos duma maneira tem uma solução. Vistos de outra—tem outra. E são ambas certas.

As dores de cabeça obrigaram-me a fechar os olhos, embuçar-me na roupa e dormir.

E adormeci ruminando uma ideia: a de que basta uma angina com um pouco de febre, para arrasar a cabeça dum pobre homem como eu.

RAMADA CURTO

O «Salão da Primavera»

Retrato a óleo do professor Henrique de Vilhena, da autoria de Luiz Varela Aldemira, e que pertence á Sala dos Reitores da Universidade de Coimbra

UM CENTENARIO

Julio Diniz

14 de Novembro 1839-14 de Novembro 1939

Quem não dará o seu aplauso e o seu apoio á simpatica ideia de comemorar o primeiro centenario do nascimento de Julio Diniz, ideia que, se não erro, o «Comercio do Porto», há pouco mais dum mês lançou a publico? A data ilustre passa o 14 de novembro deste ano, e o tempo não é muito para já ir criando o ambiente necessario á homenagem devida e merecida. Ambiente muito facil de suscitar e manter, aliás, tanto o carinho, tanto a amoravel e envolvente admiração que, a-pesar e através doutras e mais intensas formulas de arte, a serena, discreta e subtilissima arte de Julio Diniz hoje ainda, ainda e sempre, disperta em nossas almas.

Certo, é uso sorrir, entre pessoas de excessivas pretensões criticas, da pureza essencial, da humanidade sincera, fraterna e boa de todos ou quasi todos os personagens da «Morgadinha», das «Pupilas», da «Familia inglesa». Romances para meninas ingenuas, dizem, a palavra «ingenuas» servindo ás vezes para dissimular intuito mais ou menos pejorativo. Romances que não revelam observação exacta e aguda da realidade, sentido amplo da vida e do universo, anseio prescutador de analise psicologica, distante e fora de tudo quanto nos atrai e cativa nas obras dos ardentes construtores de ficção — insiste-se. Sem duvida, sem duvida... Julio Diniz não é Dostoiewski, não é Prowst, não é Lawrence, não é Balzac, não é Eça de Queiroz, Mas...

Mas o proprio Eça de Queiroz, cuja autoridade especial no assunto nunca será de repelir, não hesitou em escrever sobre «As Pupilas do Senhor Reitor» estas palavras de justiça, que nem por conhecidas deixarei de registar: — «aquele livro fresco, idilico, todo cortado de largos fundos de paisagens, halitado por criações delicadas, vivas originais, surpreendeu. Era um livro real. Aparecia no meio duma literatura artificial, dificultosamente feita, retorica, com simplicidade verdadeira, como uma paisagem de Claudio Loreno entre grandes telas mitologicas e enfaticas. Ia-se ali respirar».

Não se pode definir melhor a posição «historica» de Julio Diniz nas letras portuguesas, o sopro tonificante de ar limpido e são que trouxe ao leitor afeito a convencionalismos ultra-romanticos e ao bolor dos fantoches que surgiam e se desengonçavam nas efabulações inverosimeis de ensôssas novelas. Livros reais, de facto, livros halitados por «criações delicadas, vidas, originais». Os seus personagens não esquecem, e tornaram-se prototipos, tipos da existencia cotidiana, de tal modo neles se congregam e sintetizam virtudes, qualidades, tendencias, atitudes da grei. Na existencia cotidiana da nossa gente, foram colhidos, afinal, e o estudo erudito e lucido que o dr. Egas Moniz consagrou ao retratista de João Semana demonstra-o e documenta-o de vez. Julio Diniz não fugiu ao convivio estreito da realidade, foi um romancista do real. Apenas tem de se acrescentar ou acentuar que o seu coração e a sua visão foram tão puros, que não conseguiu violentá-los mesmo perante os aspectos monstruosos e torpes dos odios, das ambições, das lutas e discordias porventura contemplados e seguramente detestados...

Defeito? Defeito que, se o é, não obstante explica um dos encantos, um dos sortilegios perenes da sua obra: — a atmosfera de candura lirica, e não de pieguice viscosa, que nela palpita e dela se derrama, fluida, enleante, forte. Mergulhamos nela, perdemo-nos nela, deliciados. Não ignoramos que, perto ou longe, climas venenosos perturbam e desvairam os homens, e que é supremo dom do genio evocá-los e comunicar-nos o seu angustiado fremito. Se a morte o não arrebatasse tão cedo, Julio Diniz acaso buscaria, mais tarde, ressuscitá-los tambem em paginas menos suaves, infinitamente menos suaves de que as paginas que nos legou. Não carece do viatico doloroso, porém, para alcançar o respeito e a devoção da posteridade. Ofereceu-nos um refugio de luz madrugadora, de primavera de espirito, de inefavel doçura matinal, de fé jovem e tranquila na humanidade, que nos descansa das duvidas e inquietações mais pungentes. Propõe um dos seus panegiristas, o sr. Arlindo de Sousa, em opusculo vibrante de entusiasmo, que o centenario de Julio Diniz seja celebrado em todo o país, e reclama até uma subscrição nacional para custear as despesas das cerimonias comemorativas. Por mim, acho bem, pois é sempre bem honrar magnificamente a memoria daqueles que prestigiaram e enriqueceram o nosso patrimonio intelectual. Mas contentava-me em saber que, no dia 14 de novembro, um pensamento, um alvoroço unanime de enternecida gratidão portuguesa iria para o nome e para a obra dum dos mais limpidos, cristalinos e fieis interpretes da ternura leal e espontanea da nossa gente.

JOÃO DE BARROS

«Bento», criado de café

(Uma testemunha da Lisboa de outros tempos)

Frequentar cafés não representa o corriqueiro regalo de estar sentado a uma mesa, a tomar qualquer coisa.

E' mais do que isso. E' podermos folhear, encantados, pitorescos compendios de geografia humana.

Que mundo diversissimo de expressões diante de uma chicara vazia!

Timidos imaginam formidolosos feitos de audacia. Embebedam-se até ao acinte de voluntariedade.

Ha os que quereriam que tudo o que fizessem tivesse o ar de ser absolutamente natural e espontaneo; que o gesto de entrar numa loja, por exemplo, e avançar para o balcão, dizendo com um meio sorriso:—Faz favor...— estivesse sempre certo com o proceder de toda a gente, que precisa de comprar o que quer que seja, e não chocasse pelo despropositado pela acumulação exagerada de significações de á-vontade, que retira logo ao acto a sua mecanica indispensavelmente simples. No entanto, ali, entre os reflexos dos espelhos, tão sugestivos duma sumptuosidade cenica, refininte; misturados ao brouhaha das conversas—como eles encontram a medida justa do que seria necessario fazer para que o sevandija do mostruario, ao vê-los adiantarem-se, todos em erado, *inquirindo do objecto a comprar, não murmure:—Senhores! Ha cada tipo mais patusco!*

Outros mal-amanhados embora numa vestimenta coçada, com o vexame pulha dos cotovelos luzidios, acrescentado da circunstancia de apenas terem no bolso a placa para a despesa, sentem uma plenitude tranquila de cesares, sobrepairam em arqui-gozosas bem-aventuranças, porque podem, ó Deus! estar sós; porque podem, em suma, ser eles, eles, totalmente! *libertos, caramba, da tirania infecta e abusiva dos conhecidos...*

* * *

Benito Alvarez Gil, o «Bento», oriundo de Pontevedra, criado de café ha quasi meio seculo, conhece «como os seus dedos» esta fauna inteira de abqbucodonorores matutos da Ilusão.

Tem uma careca de marfim velho, amarelido. Baixo, circunspecto, a cara glabra da profissão, nos olhos teima-lhe, é positivo, um resquicio do seu passado longinquo de estudante de latinidades. Por isso, *em tudo o que obtempera ha como que a solenidade especiosa de quem oficia. As mais simples coisas que diz têm,* assim, *uma cinzeladura oratoria de sentenças.*

Sabe referir casos curiosos, enjoiados de pitoresco; noites do Tavares, *em que a balburdia das luzes e dos cristais flamejava muito menos que a coruscação dos «ditos».*

E' do tempo em que aproximadamente no sitio. onde campeia o Suiço *de agora, com o zangarreio pimpante dos seus marialvas de pacotilha e a insolencia* desdoirada *dos seus vadios do armorial,—escabeceava um pisco «café de lepes», fumoso, vitroso, todo embiocado em sombras pertinazes, irmãs-gemeas das que Rembrandt* construiu *para o aposento do seu* Filósofo.

Por ali se encontrava grande parte da parçaria literaria e artistica da época, a mais refractaria, a mais picada de estouvanice, aquela que na ridiculez dos penantes gibosos e no descaso das cabeleiras intonsas tinha precisamente o seu brasão de sennoria intelectiva...

...a mais refractaria, porque a outra, a falange solene, a consagrada pelo amorfo consenso unanime, e que casquilhava, de plastron, *nas sessões da Academia, ou engorgitava os chás das baronesas analfabetas e uivadoras de piano,—preferia o* Martinho, *ali perto, o* Martinho *de então, asmático, adiposo, todo austero na sua arquitectura pesada, e a estalar de embófia, por causa das referencias do sarcasta do* Mandarim.

Maitre d'hôtel *do* Monumental, *empregado do* Royal *e do* Montanha, *tendo equilibrado a sua bandeja de* garçon *por de cima das mesas mais heterodoxas, desde as do desaparecido* Londres, *da Praça do Duque da Terceira, tão propiciador de bem-aventuranças com as suas perspectivas de cais, nos entardeceres violeta-e-oiro, de outubro, até ás da* Brasileira do Rossio; *desde as do* Italia, *antepassado anfibio do* Madrid, *até ás do «*Leão Triste», *macróbia vedeta da rua do Principe; contemporaneo da esturdia de João Chagas, quando o panfletario gentil-homem, ao receber dos que obsequiavam os seus «apuros» de esbanjador, as células desencalacradoras, comentava, desolado, recolhendo-as na carteira:—Ao que eu desci! Ao que eu desci!; Benito Alvarez podia bem escrever um roteiro picaresco da alta pandega nocturna da Lisboa de outros tempos...*

Quantas paginas famosas, atochadas de observação e vida vivida! *E a subserviencia das «grandes pessoas» nos momentos desniveladores de crise! Que miserandas derrocadas até ao mais vil da humilhação humana, do alto de inimaginaveis pináculos de orgulho!*

—Bento, empresta ai 200 mil reis até depois de amanhã. Palavra de honra que não deixo de tos pagar! Já sabes: é até depois de amanhã!

E ele emprestava. Aqueles diabos tinham tanta graça!

Reunidos num grupo de seis, ou sete, ali no velho Suiço, *numa cavaqueira sem balisas, nem horas, que importava lá que a despesa nunca fosse além de três cafés insignificantes, a que se ajuntava, nas noites de estravagancia, o seu copito de «escarchado»!*

Nenhum dos criados que não se apressurasse a servi-los, e espécado perto das mesas, compondo no braço o guardanapo, com um lento gesto absorto, cada qual, sempre que podia, ai se deixava ficar a ouvir aquela estralejada de espirito, aquela cascata férvida de humoradas...

—Hoje não ha nada disso! Hoje já não se conversa!

Duma vez, numa terça-feira de Carnaval, irrompe, aos pinchos, pelo salão, um sujeitinho gordanchudo, trazendo enfiada até aos ombros uma jovialissima cabeça de burro.

Quem será? Quem não será? E o quidam, duma banda para a outra, a esbofar-se em zurros, que só interrompia, para afirmar a este e áquele:—Bem te conheço! Bem te conheço!

...quando o Fialho se apruma e observa para o Manuel Penteado, seu companheiro de boutades, *todo carcomido na sua silhueta ácida de enfermiço:*

—Vês tu (tocando nas costas do mequetrefe): esta cabeça de burro tão flagrante... *E' o F..., não pode haver duvida!*

E era, de facto!

Lisboa, fevereiro de 1939.

CARLOS PARREIRA

JESUS e o seu maravilhoso romance

OBRA MONUMENTAL, DE GRANDE FORMATO DE LUXO, EM 12 TOMOS MENSAIS, POR ASSINATURA

escrita por Mário Domingues ilustrada por João Carlos

INICIA-SE BREVEMENTE A SUA PUBLICAÇÃO

JESUS e o seu maravilhoso romance

Tôda a atracção de um romance admirável — Tôda a fascinação de uma lenda maravilhosa — Tôda a emoção de uma grandiosa reconstituição historica — Todo o enlêvo do mais elevado misticismo — Tôda a sedução moral do pensamento cristão

Texto profusamente ilustrado, vinhetas artisticas, dois «hors-texte» em cada tomo, valiosas tricromias, optimo papel, impressão nitida, requintado gosto grafico

Inscreva-se assinante. Assegura desde já a posse desta obra, unica em Portugal

Condições de assinatura, incluindo os portes do correio: Em Portugal e nas Ilhas Adjacentes não se cobram assinaturas adiantadas — Custo de cada tomo, à cobrança pelo correio, **Esc. 10$00.** Colonias Portuguesas (via ordinaria), **Esc. 126$00,** adiantadamente; Africa Oriental (via Cabo), **Esc. 132$00,** adiantadamente; Paises estrangeiros (com convenção postal), **Esc. 132$00,** adiantadamente; Paises estrangeiros (sem convenção postal), **Esc. 144$00,** adiantadamente.

Dirija-se imediatamente á **UNIVERSO** edifora

Largo do Mastro, 39, 1.º — Tel. 4 1076 — **LISBOA**

Bibliografia

Coisas Sentidas, de Orlando Nunes.

Orlando Nunes, moço poeta, sonhador, ardente, requintado, publicou o seu primeiro livro de versos «Coisas Sentidas».

A sua musa é natural. Orlando faz versos sem esforço, e a sua rima é facil e limpida, fazendo-nos acreditar que estamos na presença dum verdadeiro poeta.

Ha nos seus versos anseios, esperanças e ilusões, o poeta exprime com arte os seus sentimentos, e encontra no velho tema do amor um motivo sempre novo e fresco.

Portugal no Atlantico, de Sousa e Faro.

O vice-almirante Sousa e Faro, além de oficial da Marinha distinto, é um admiravel escritor, que sabe contar com singular encanto aquilo que observa, e comentar os assuntos que se prendem com a sua profissão com uma grande clareza.

Em «Portugal Atlantico», 1.º volume duma serie que nos é prometida, começa o escritor-marinheiro por se referir ao porto de Lisboa para estudar em seguida os portos da Madeira, S. Miguel e Açores, no triplice ponto de vista de comercio, turismo e estrategio.

O que esta obra tem de notavel é que se lê com muito agrado, a-pesar de versar assuntos da especialidade.

Rosas do claustro

A L. C.

Uma linda trepadeira
que cobre velha parede
da arcaria dum Convento,
falou-me desta maneira,
ao sentir um dia sêde
que a perturbou de momento:

«Por eu me vestir de rosas
—rosas de inocente alvura—
no tempo frio ou de ardencia,
é que as almas ansiosas
vêm matar a secura
ao sabor da minha essencia?»

Respondi com voz fremente,
de olhos cravados nos céus
como quem quere lá chegar:
«A sêde que a alma sente
só as lágrimas de Deus
a poderão consolar!...».

ARTUR LOBO DE CAMPOS

Virgem Rude

(Caminhos da Beira Alta)

Levantando o pó da estrada,
o burrico bailador
nem já cisma na cevada:
leva em cima o meu amor,
não quere saber de mais nada!

Trota, trota, num regalo!
Tem fome... e sente fartura
(goza o teu corpo a afagá-lo!)
P'ra fazer melhor figura,
gostava de ser cavalo...

Quando a chibata o vergasta
(não sente como os burricos...),
ele só pregunta: — «Quem gasta
lírios, p'ra tocar gericos?!»
(E cisma muito. E não pasta...)

Lá em cima, a virgem rude
segue embalada no trote;
distraída, olha um talude
e leva a mão ao saiote
em holocausto á virtude...

Passam giestas e tojos
no seu olhar distraído,
que logo se crispa em nojos
ao despretá-la o grunhido
de porcos com grandes bojos.

Logo retoma o sonhar
— o «Real» morreu em cisco —
e sorri, a avaliar
se eu matarei o Francisco
que a anda a namoriscar..,

Prometi-lhe que o matava,
por graça do vinho tinto...
E ela, que mal lhe falava,
— gosta de mim, bem o sinto! —
já o falar lhe não trava
quando o vê — e eu'stou perto..'

.....

(Vai haver coval aberto
e eu vou comprar uma escrava.)

RODRIGO DE MELLO

A seguir publicamos um trecho de «Jesus e o seu maravilhoso romance», de Mario Domingues. Trata-se de uma obra de largo fôlego que começará a ser publicada brevemente, numa série de 12 tomos de 64 grandes paginas.

Cada tomo, além de muitas ilustrações no texto, assinadas por João Carlos, conterá uma tricromia, reproduzindo as ilustrações do celebre missal de Estevam Gonçalves, de que não ha senão um unico exemplar—o original—na Academia das Ciencias.

Fez-se ha dias a leitura, perante escolhida assistencia, de alguns capitulos do notavel trabalho, que agradou plenamente.

«Jesus e seu maravilhoso romance» baseia-se nas Sagradas Escrituras, que são romanceadas pelo autor. E' uma especte de Biblia escrita em linguagem moderna, acessivel a toda a gente. Tem para os ateus o sabôr de um romance empolgante e para os crentes o encanto de uma narrativa por eles conhecida, mas embelezada por côres e lances por eles nunca previstos:

—Por ordem de Herodes!—urravam as roucas vozes daquelas feras humanas.

E pelas ruas sinuosas, as mãis apavoradas fugiam com os filhos nos braços. Algumas já não apertavam contra o peito senão pedaços de carne tenra mutilada. Iam como loucas, clamando por misericordia, olhos desvairados, cabelos soltos ao vento, vestes rasgadas, passo incerto, tergiversante. A's vezes, de uma casa onde ia pavoroso tumulto, entre rugidos de algozes e lamentações estridentes de vitimas, saltava uma mulher cabriolando num bailado diabolico, cantando e rindo, rindo umas gargalhadas estridulas que arrepiavam. Era uma pobre mãi que a dôr enlouquecera.

Muitas fugiam em bandos ululantes. E os soldados, cercando-as como o caçador á presa apavorada, lançavam-lhes uma garra cabeluda ao pescoço debil e arrojavam-nas ao chão, e com com a outra garra, num repelão, arrancavam-lhe do regaço, onde inutilmente pretendiam ocultá-lo, o inocente que abria para o algoz os olhitos assustados, inconscientemente do perigo. Havia mãis que só largavam os filhos quando os mercenarios, depois de as derrubarem a pontapé, rindo bestialmente, as esventravam á ponta de lança. E elas, arquejando numa agonia, bocas contorcidas e escumantes, assistiam á execução e morriam de pavor.

Para se encorajarem e melhor cumprirem aquela ordem barbara, os soldados entravam com alarido nas tabernas, e intimavam os taberneiros acobardados a entregar-lhes, além dos filhos pequenitos, grandes picheis de vinho que bebiam a longos tragos, limpando satisfeitos a bigodeira suja ás costas da mão ensanguentada. E, ébrios de sangue e de vinho, lançavam-se mais ardorosos e sanhudos á grande matança.

Um germano muito ruivo, como se o peito peludo, e as barbas, e os bigodes, e os cabelos revoltos houvessem sido tintos com o sangue das suas vitimas, era o que mais feroz se mostrava, pronunciando pragas ameaçadoras no seu idioma áspero. O grande prazer desse mercenario, que já servira nas hordas mais opostas e que estava sempre alistado onde maior ensejo houvesse de pilhagens e torturas, era rasgar com a lança o ventre das mulheres onde supunha palpitar um fruto sagrado. Com que requinte ele mergulhava o ferro agudo e lampejante nas carnes delicadas das infelizes, que perseguia a gargalhar muito do terror que lhes infundia. De uma só lançada, em certa ruela, trespassara uma mulher e o marido que viera em seu socorro. Mais adiante, penetrando numa casa miseravel, foi descobrir uma pobre mãi acocorada num canto, cobrindo com as suas vestes um menino de poucos dias e outro de um ano, se tanto.

Aquele achado encheu-o de um contentamento barbaro. Grandes risadas agitaram-lhe a barba ruiva.

—A galinha e os pintos vão á degola!—ululou o germano, gozando aquele incidente engraçado da grande caçada aos inocentes.

Com um golpe rijo, fendeu o cranio á mulher que, tombando sem um grito, abandonou as crianças em choros, que ocultava sob o manto. A besta fera, agarrando então os meninos com suas mãos de torniquete, alçou-os no ar, numa alegria feroz.

—A galinha já não cacareja!—berrava ele.—Vamos agora aos pintos!..

Com uma gargalhada, que era um uivo de gozo brutal, arremessou a criança de dias ao solo, e, com o largo tacão da sandalia, esmagou-lhe a cabecita, que ficou numa pasta informe e vermelha, apenas os olhitos a alvejar, vitreos, num rosto que era uma horrivel mascara de tragedia. Ao mais velhinho, um ano apenas de vida sem culpas, segurou-o pelos pés, e fazendo-o girar sôbre a cabeça hirsuta, no arremesso de quem maneja uma funda, despediu-o com força descomunal contra a cantaria do edificio fronteiro. Ouviu-se um baque surdo e o corpinho caiu inerte, estoirado, num lago de sangue.

O germano andava como ebrio. Era a fera á solta. Podia satisfazer, sem risco de punição, todos os seus barbaros instintos de urso fugido aos gelos do norte. Caminhava aos saltos, precipitava-se, com um grito rouco, sôbre as vitimas e escutava, matreiro, ás portas para as apanhar despreveni-das. De uma vez, degolava uma criança com golpe tão incisivo e rapido, que o cranio do inocente saltou disparado e foi esborrachar-se, como um ovo, contra a parede, onde ficaram pedaços de maça encefálica, escorrendo viscosos, esbranquiçados, amassados em sangue.

E ainda ria da proeza, quando, de um desvão sôbre ele saltou um hebreu, como perro de fila á garganta de um lobo. Na mão daquele pai desvairado e louco de dôr, viu-se brilhar, por um segundo, a lamina de um punhal. E o germano cambaleou sob o golpe e caiu pesadamente debaixo do hebreu que se vingava. Outro soldado atarracado, moreno e cabeludo—talvez um hispano, que a sedução das carnagens do Oriente levara até ás hostes da Judea —com ar indifernete, arremessou de longe a sua lança, que foi, a vibrar, com um silvo, cravar-se nas costas do vingador, que expirou, misturando o seu sangue com o do barbaro germano já sem vida.

Mas nem todos os soldados tinham a alma satanica daquele ruivo do norte. Alguns revoltavam-se intimamente contra aquela chacina de mulheres e crianças. Destemidos na dura guerra de homem para homem, doia-lhes a consciencia de tanta atrocidade.

Um velho guerreiro, cuja barba havia embranquecido nos mais renhidos combates, cruzava os braços e assistia compungido á bestialidade daquela chacina memoravel. Ele, que fôra dos primeiros a entrar em Jerusalem quando Herodes fizera tremular de novo na cidade santa o pendão de Israel; ele, que tantas vezes arriscara a vida para salvar a do seu rei; ele, que derrubara elefantes de batalha, altos como montanhas de carne, correndo o perigo de ficar esmagado sob os pilares das enormes patas, não podia—oh! não tinha coragem!—de abater uma criancinha inocente.

Quando, ao fim da tarde, a rude e bestial tarefa terminou e por toda a cidade se erguia um pungente côro de lamentos, num uivo prolongado e triste de mulheres que choram, o velho guerreiro, a quem os outros escutavam com respeito, dizia contristado:

—O nosso rei nunca poderia ser tão cobarde que mandasse acometer crianças!

A horda suada e bufante, enlameada e sangrenta, retirou-se ao entardecer. Cantava um côro barbaro ao atravessar a cidade pejada de cadaveres. Nas pontas das lanças, erguidas ao alto, levavam, á guisa de trofeu, cabeças de crianças ensanguentadas. As facezitas descoradas, os labios entreabertos, dos quais ainda escorria um fio de baba sanguinolenta, olhos parados e vitreos fitando, numa obstinação sobrenatural, os seus algozes, causavam pavor.

Bethlem era um imenso e tragico sepulcro de inocentes.

Quando a soldadesca ébria saiu, cantando, as portas fendidas nas grandes muralhas, e o sol poente, entre nuvens de fogo, tocava a cidade de uma luz sinistra, e no ar parado corvos e abutres traçam largos circulos negros, o velho guerreiro ergueu o braço, e os canticos roucos cessaram. O silencio do crepusculo que se avizinhava, pareceu pesar sôbre aqueles homens refractarios a fundas vibrações de alma. No entanto, não deixaram de estremecer, escutando o velho que pronunciava em voz comovida:

—Eis que se cumpriu o que foi dito pelo profeta Jeremias, que diz: «Em Ramah se ouviu uma voz, lamentação, chôro e grande pranto: Raquel chorando os seus filhos, e não querendo ser confortada, porque eles já não existiam».

E a horda tomou, silenciosa e cabisbaixa, o caminho de Jerusalem. Apenas se ouvia, no sossego daquela hora, o tropel dos seus passos mais longe, sempre mais longe, e o uivo prolongado e fino, no ar calmo, das mãis que não podiam ser confortadas, porque seus filhos eram mortos.

NOVIDADE LITERARIA

"Jesus e o seu maravilhoso romance"

é o titulo da nova obra do escritor Mario Domingues

Mães

Ternas e santas, quando no caminho
cruzo com alguma acóde-me á lembrança
a minha, que deixei inda criança
—tam cêdo arrebatado ao seu carinho!—

Triste me quêdo então e mais sózinho,
ao vê-las afastar na tarde mansa!...
a-final quem sou eu, que não alcança
a ventura suprema de ter ninho?!...

Quem?! Isto me surpreendo a preguntar,
á hora do poente ao largo mar,
eterno sonhador como eu tambem!

A f'licidade onde 'stá, onde se esconde?
«filho, meu filho»—a tua voz responde—
«no colo amigo e brando de uma Mãe».

JOÃO DO VALE

OS LIVROS DA SEMANA

I — Em defesa do espirito critico

Ha quem se insurja contra o espirito critico. Ha quem declare terminantemente que a critica é perniciosa. Perante tais atitudes, fica-se perplexo. Não sabemos que pensar. Qual o motor de tais invectivas? A inconsciencia? A ignorancia? A estulticia? De facto, qualquer destas hipoteses é legitima. Um intelectual que pega na pena para negar o valor da critica ou pôr em duvida a sua legitimidade lavra a sua propria condenação. Em todo o acto intelectual está implicito um juizo critico. Condenar a critica é ser critico.

E' certo que, no nosso país, ha muitos intelectual apenas de rotulo. Não ha, pois, que estranhar que certos «intelectuais» portugueses desconheçam os seus proprios deveres. Como hão de eles considerar missão fundamental de toda a actividade intelectual o juizo critico? Como hão de eles certificar-se de que não ha pensamento sem critica? Para isso, seria preciso, pelo menos, «pensarem». Eis o que eles nunca fizeram. Criticar é escolher. Um homem que não critica não escolhe. Quem não escolhe aceita. Um homem que aceita sem escolher não tem o direito ao nome de homem. Pois em Portugal ha homens com a aparencia exterior de intelectuais que condenam o direito de escolha. Coisa singular: são exactamente estes homens que acusam de dogmatica a critica assente sôbre valores claramente discriminativos. Estes homens que abdicam do direito de escolher as suas ideias e a sua conduta em beneficio de um dogma qualquer aceite de olhos fechados são os primeiros a acusar de dogmaticos aqueles que os querem ajudar a escolher de olhos abertos. São ainda estes que renegam os intelectuais que no seculo passado tentaram ensinar os portugueses a pensar. Renegar Antero, renegar Herculano, renegar Oliveira Martins, renegar Eça de Queiroz, só porque foram altissimos espiritos criticos, é renegar o mais belo periodo da historia do espirito português.

E' preciso ter a coragem de dizer «não» áqueles que negam a legitimidade da critica: tal negação é uma defesa antecipada daquelas obras que só poderão viver onde a critica não existir. Se é certo que a critica, como tudo aquilo que é obra dos homens, não pode ser infalivel, a verdade é ser mil vezes preferivel vê-la errar do que prestarmo-nos ao espectaculo degradante de uma literatura onde os mediocres ocupam o lugar dos grandes e a consagração é feita de genuflexões insensatas e de lisonjas pueris.

II — Critica e pessoalismo

Mas que é preciso fazer para que a critica não deixe de cumprir a sua missão? Purificá-la de pessoalismos. Vêr problemas onde outros vêem pessoas. Ir ao encontro das ideias indiferente ao cerebro que as destilou. Não hesitar acometer de frente os problemas fundamentais da cultura. Eis o que implica obstinação e frieza. E' preciso ser obstinado e frio. Tambem é preciso fechar os olhos aos sorrisos equivocos e sorrir ás insidias faceis. Em suma é preciso amar mais as ideias do que os homens. Felizmente em Portugal começam a aparecer espiritos para quem as ideias são tudo: o pão e o vinho. Ha que prestar homenagem ao espirito critico que caracteriza certos grupos de jovens intelectuais. Apetece gritar-lhes com Thomaz Mann: «O homem dotado de espirito critico não tem só o direito de usar dêle, mas o dever tambem. Tem o direito e o dever de usar dêle até ao seu derradeiro dia, embora haja que reconhecer que essa tarefa é tudo quanto ha de menos conforme aos prazeres dêste mundo.» Com efeito, para aquele que queira exercer o seu espirito critico, a vida não é facil. Mas a alegria de compreender é o maior dos prazeres: o mais alto e mais raro dos prazeres. Mãos á obra, pois. Olhemos de frente os nossos problemas e façamos tudo por compreendê-los. Não tenhamos medo de compreender.

III — O problema do romance português

E' certo que os problemas da vida são muitos. Estamos numa hora em que os problemas da vida são mais importantes que os problemas da cultura. Mais importantes, não digo bem: mais instantes, é melhor. Deixemos, porém, os problemas da vida a quem nêles mergulha. Reservemo-nos os problemas da cultura.

Isto a que nós temos chamado, com grande escandalo de alguns, o «problema do romance» não é um assunto tão velho entre nós como se pode pensar. Direi mesmo: é um assunto novissimo. Já varias vezes aqui tenho dito que uma das coisas que caracteriza a literatura «moderna» de todos os países é o colaborar do espirito critico com o espirito criador. Assim como Baudelaire, foi, de certo modo, um dos primeiros poetas a quem a poesia apareceu como um «problema». André Gide deve ter sido dos primeiros escritores a quem o romance surgiu como um «problema». Quere dizer: o chamado «problema do romance» data do principio dêste seculo. Mas entre nós o «problema do romance», isto é, o estudo da natureza estetica do romance, desdobrou-se noutro: o estudo das possibilidades de um romance português. Tal problema só podia ter sido formulado ao verificar-se a não existencia de um romance português. Não existirá ele? Parece que não. Pelo menos, na opinião de José Bacelar, entre nós não ha romance de interêsse universal. Porque assim pensa, escreveu o ensaio que tenho presente: *Da viabilidade do romance português de interesse universal* (*Seara Nova*, Lisboa, 1939).

Não ha que negar a importancia dêste problema. Uma literatura que não aspira á universalidade é com certeza uma bem pobre literatura. Estudar a capacidade—ou a viabilidade—de um romance português de interêsse universal é, pois, formular um dêsses problemas directamente relacionados com os fundamentos vitais de qualquer literatura. Quere isto dizer que se não pode negar a José Bacelar o direito de ter formulado a pregunta: é viavel um romance português de interêsse universal? Antes de vermos se é legitima a pregunta de José Bacelar, passemos a expôr o seu ponto de vista.

IV — Uma tese rangente

A tese de José Bacelar é esta: «o romancista tem as mãos e os pés atados pelo meio, ou país, para o qual escreve, o romancista depende estreitamente do material que esse meio ou país lhe proporciona». Quere dizer: romancista está directamente em contacto com o meio social (portanto humano) que o rodeia. As suas obras têm de se alimentar dêsse material. Mas se o romance aspira á universalidade, isto é, na opinião de José Bacelar, á «curiosidade dos homens de todo o mundo», é indispensavel que esse «meio» tenha as virtudes humanas comuns a todos os homens. Então, e só então, o romancista português (é do romancista português que se trata) poderá ter a esperança de a sua obra vir a ser lida por todos os homens da terra. Só então um romance com verosimilhança nacional atingirá verosimilhança universal.

A traços largos, é esta a tese de José Bacelar. Como a resolveu ele? Para José Bacelar o «meio» português é de tal modo escasso em valores humanos que o romancista português dificilmente poderá conciliar na sua obra aquilo que ele chama a verosimilhança local (nacional) das personagens e a sua verosimilhança universal. Dêste modo, o romancista português, condenado a ter de movimentar na sua obra seres com uma realidade portuguesa escassa em valores humanos de significado geral, vêr-se-á na contingencia, para ser verosimil, de ser local. Sendo local, não pode ser universal. Mas, José Bacelar, que por momentos separa o romancista do «meio», considerando-o com virtudes superiores a ele, isto é, considerando-o com uma humanidade desconhecida do comum dos portugueses, logo nos explica a fraca imaginação do romancista português pelo fraco, sentido humano dos portugueses em geral. De maneira que, não só o material é pobre em humanidade: tambem o romancista o é. Quando o não fôr, o meio o condenará a isso. Para José Bacelar o romancista nacional está metido num circulo vicioso.

E' claro que a tese não é exposta por Bacelar com este esquematismo. O seu ensaio tem cento e tantas paginas. Nessas cento e tantas paginas Bacelar não descansa. Faz tudo para ter razão. Precisamente por isso, a arquitectura do ensaio range. Bacelar, tão livre e tão incisivo quando nos mostra, na *Revisão*, nas *Dissonancias* ou em alguns dos seus ensaios, a mecanica das paixões humanas, surge-nos aqui contrafeito, peado, escravo de um estilo em que se sacrificam as subtilezas ás exemplificações brutais. Mesmo quando é do homem que nos fala, do português de quem nos tem dito já coisas profundissimas, não vai fundo: fica pelas generalidades mal documentadas. Não podendo retalhar a carne, retalha uma *ideia* pré-concebida sôbre aquilo que nos quere fazer acreditar ser o português. Não se pode negar, porém, a energia, o vigor, a furia do bisturi de José Bacelar. Vai a toda a parte: não fica tecido contaminado onde ele não chegue. O corpo dêsse português abstracto que Bacelar estendeu na mesa das operações sai das suas mãos retalhado. Mas, para considerarmos justa a sua tese, teriamos de começar por saber se aquilo que Bacelar pensa acêrca da psicologia do português é exacto. Não entraremos na discussão dêsse delicado assunto. Limitar-nos-emos a verificar que o português sai um pouco caricaturado das mãos do ensaista. Não calaremos, tambem, que se nos afigura convencional aquela maneira de dividir a psicologia humana em nucleo vital e «ganga», isto é, uma parte humana originaria e uma periferia de habitos, de tiques, de maneiras de ser estereotipadas. Em todo o caso, é neste estudo do português que Bacelar põe mais penetração: a incisão da sua critica é caustica. Aceite, pois, que o português carece de energias humanas originárias, há que aceitar a tese de Bacelar. Se o romance é uma arte cujo material é o «meio» e o «meio» português não presta, há que concluir que o romance português não pode ir longe. Com tal material não se podem fazer grandes obras, quaisquer que elas sejam. Mas a tese de Bacelar pode ser posta em duvida. Se concebermos o romance como uma arte mais dependente do genio do romancista do que do meio, a tese claudica. Ora a verdade é que nós pendemos a dar ao romancista—ao seu «genio»—uma omnipotencia quasi total. Infelizmente, fazemos parte do numero daqueles estetas a quem Bacelar se refere com um cento azedume. A meu ver, a tese de Bacelar ressente-se exactamente de ter sido formulada em termos não esteticos. Bacelar exprime-se no seu ensaio como moralista, sociologo ou psicologo. A colaboração nele do critico literario ou do esteticista do romance é pequena. Daqui Bacelar ter visto o seu problema de um ponto de vista exterior á literatura. Na previsão de um ataque, Bacelar soube, porém, cercar-se de uma basta artilharia dialetica. Mas não contou com as posições do inimigo. Viu tudo do seu ponto de vista, certo de estar no coração do problema. Na impossibilidade de responder a todos os seus argumentos, limitar-me-ei a levantar algumas objecções, que suponho fundamentais. Não o farei, porém, sem prestar homenagem á audacia com que José Bacelar atacou problema tão complexo.

V — Objecções á tese anterior

A que especie de romance se refere José Bacelar quando formula a tese de que o material do romancista é o «meio»? Naturalmente, ao romance realista, naturalista ou de costumes. Quere dizer: a sua tese tem de se restringir aos romances tipo *Feira das Vaidades, Madame Bovary, Crime do Padre Amaro*, etc. Mas há outras formas de romance. Há o romance psicologico, há o romance poetico, há o romance de pura introspecção, há o romance auto-biografico. Quanto a mim, o *Adolphe, Les Enfants Terribles, O Idiota* e todos os romances desta indole, dispensam a colaboração do meio. Demais, o «meio» é sempre, mais ou menos, um factor passivo. E' tão passivo o meio-humano para o romancista como o meio-natureza para o pintor. Tudo depende em parte do temperamento do artista. Bacelar duvida muito da eficácia deste ponto de vista. Duvida tanto dele que estabelece uma distinção, quanto a mim impraticavel, entre o «valor arte», no romance, e o «valor humanidade». Quanto a Bacelar, pode conceber-se um romance com «arte» mas sem humanidade. Quanto a mim, tal coisa não é possivel. José Bacelar confunde «arte», no sentido puramente formal, com «arte» no seu sentido essencial. Eis por que chega a afirmar que «entre duas obras literarias concebidas com um *quantum* igual de «arte» terá, pois, mais interesse universal aquela que mais nos esclarecer sôbre o problema de todos nós, sôbre o problema do homem». Quere dizer: Bacelar concebe o *quantum* de arte coisa independente do *quantum* de humanidade. Não. Num romance só ha humanidade na medida em que essa humanidade se exprime com arte. Não é indiferente escrever uma maxima sôbre os homens, um ensaio sôbre a natureza humana ou um romance. Cada uma destas formas literarias tem a sua maneira particular de comunicação. Cada uma delas só dirá alguma coisa de profundo sôbre o homem na medida em que o escritor se exprimir através delas respeitando-lhes, as normas. Logo, para que num romance haja humanidade, é preciso o escritor ter exprimido o que nele há de humano em termos esteticamente romanescos. Logo a arte não é independente da humanidade. Está-lhe intimamente ligada. Obras que hoje se nos afiguram profundamente humanas, porque grosseiramente vividas, apenas usufruem um prestigio momentaneo: o prestigio de qualquer reportagem jornalistica. Para que uma obra tenha *significado humano eterno* precisa de ter antes de tudo *Arte*. Eis por que se me afigura mais importante preguntar-se se há romances portugueses eternos que se o romance português terá viabilidade de interesse universal.

Eis-nos perante outro ponto discutivel da tese de José Bacelar. Que se entende, no seu ensaio, por universal? Se me não engano, por universal entende Bacelar a faculdade de uma obra ser lida e compreendida em todos os países do mundo: por todos os homens. Em principio está certo. Mas só em principio. Toda a gente sabe que as mais belas obras da literatura mundial (não falo já da literatura clássica) por muito poucos homens são compreendidas. E' certo Bacelar conceber o romance como um genero popular. A universalidade do romance é, pois, para ele universalidade total.

Pior: Bacelar dá á palavra universal um sentido comprometedor. Confunde *universalidade* com consagração jornalistica. Pois não é certo aludir ao silencio tumular que rodeou as traduções de Eça? Ora a verdade é que o rumor feito á volta de um romance traduzido não significa nada sobre a autentica universalidade de uma obra. Pelo menos, nada significa quanto á sua *eternidade*. As obras de Blasco Ibañez foram traduzidissimas. Todavia, a obra do autor de *La Catedral* pouco vale ao pé da de um Baroja, de um Valle Inclan ou de um Azorin, pouco ou quasi nada traduzida. Não me parece, pois, que esta universalidade deva preocupar-nos.

Melhor seria preocupavarmo-nos com a eternidade do romance português. E o certo é que ha entre nós dois ou três autores que nunca tiveram auditorio *internacional* (universal, no vocabulário de Bacelar), mas que terão por certo *eternidade*. Se os estrangeiros não querem compreender obras como *A Farsa*, de Raul Brandão, a culpa é deles. Parece-me que Bacelar confunde a facil simpatia do estrangeiro para com as obras pouco *originalmente nacionais* com a consagração que merecem as obras originais. Para que a França compreendesse Dostoievski alguns anos foram precisos. Cinquenta por cento das obras que hoje gozam de prestigio universal estarão, dentro de cinquenta anos, rodeadas de um silencio tumular. A' nossa situação geográfica, longe da Europa, devemos grande parte do isolamento a que a nossa literatura está votada. Porque a verdade é não ser só o nosso romance que não tem prestigio universal, tambem o não tem a poesia, o ensaio, o teatro. Não terá a nossa poesia interesse universal?

Que quero eu dizer com tudo isto? Que acredito, de facto, na exisbencia de um florescente romance português com interesse universal? Não. Quero dizer que ao critico literario ou ao esteta não deve importar a viabilidade de um *«tipo geral de romance português de interesse universal»*. A literatura não é uma industria. Interessa antes preguntar se poderão aparecer em Portugal romances verdadeiramente superiores e universais. Quantos, não importa. Basta que um seja possivel. Ora a verdade é que, sendo possivel um, a tese de José Bacelar cai por terra. Um Eça de Queiroz basta a derrui-la. Thackeray, romancista de prestigio universal, não é maior que Eça de Queiroz. Na sua obra há o mesmo *localismo caricatural* que na obra de Eça. Mas Eça é claramente um romancista de matriz *internacional*. Camilo é muito mais original Há romances de Camilo que bem merecíam a universalidade que não têm. Porque a não terão? Porque os estrangeiros gostam pouco do que é diferente. E' este diferente que é preciso impôr-lhes. Não é pois o problema do romance português de interesse universal que mais deve preocupar o critico nacional, mas o romance português, de interesse eterno, universalizavel dentro das suas virtudes originais. Se ainda não soubemos criar esse romance é talvez porque o português não se sabe esprimir originalmente como romancista. Muito mais por isso do que por o meio, lhe não oferecer material capaz. A arte é a realidade vista através de um temperamento, disse o grande naturalista Zola. O que importa não é a realidade, o meio; o que importa é o temperamento que o vê. De um meio pobre pode tirar-se um belo material romanesco. Basta que surja o romancista com o temperamento capaz de exprimir o que nesse material há de romanceável. O romancista, como todo artista, deve ser superior ao seu meio. Só é artista na medida em que o domina. Se ele lhe desagrada, satiriza-o. Eis o que fizeram os romancistas ingleses da época vitoriana; eis o que fez Flaubert. Se o meio lhe é indiferente, transcende-o pela imaginação. Eis o que fez Cervantes. Se o meio o entristece, espiritualiza-o. Eis o que fez Dostoievski. Qual é a posição do português perante o meio? Não sei. A verdade, porém, é que o dever do romancista português é de saber extraír desse meio exactamente aquilo que ele lhe pode dar. Se o meio é pobre, ao romancista cabe enriquecê-lo. Se não lhe é possivel enriquecê-lo dentro da verosimilhança, evada-se, leve-o consigo para os mundos ilimitados da imaginação. Se não podemos ser realistas, sejamos poetas. O romance não é incompativel com a poesia. Demais uma coisa é a universalidade virtual da obra de arte, outra a sua universalidade prática. José Bacelar, no seu ensaio, pensou mais na universalidade prática do romance português do que na sua universalidade virtual. E' na universalidade virtual que os estetas costumam pensar...

VI — Imaginação e critica

Em Coimbra, um grupo de jovens poetas, criticos e novelistas lançou uma revista. Chama-se ela *Altitude*. Neste seu primeiro numero, colaborado por poetas, como Manuel da Fonseca, Antonio Prado, Carlos de Oliveira, João José Cochofel, Namora e Santos Abranches, e prosadores, como Joaquim Namorado e Afonso Ribeiro, há alguns trechos de mérito. Sobretudo na poesia. Na critica há uma nota de Ramos de Almeida com observações justas e notas superficiais. A critica ao ultimo livro de Aquilino Ribeiro é sensata. Em suma, *Altitude* é uma revista de autenticos jovens: nela a imaginação e a critica vão lado a lado.

JOÃO GASPAR SIMÕES